

Stadium

Ballabio, um dos guardaredes mais afamados da Europa, teve no Estádio Nacional um trabalho intenso e aturado. Os nossos dianteiros atacaram-no por vezes impetuosamente, mas dentro das Regras do Jôgo, como se verifica neste instantâneo



N.º 214

8 DE JANEIRO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50



Um susto para os suíços! A bola chutada por um dos nossos passou por detrás de Ballabio, mas saiu para fora. Peyroteo e Araújo seguem a jogada com vive interesse. E também com esperanças...

O 1.º DESAFIO DA ÉPOCA INTERNACIONAL

Conseguimos um empate em luta briosa

Tudo contra nós: lesões, doenças e ainda por cima um temporal desfeito no dia do jogo! — A descrição da partida — Não se podia praticar futebol, mas a equipa nacional deixou boa impressão — Uma das experiências que estavam indicadas — Jogadores e árbitro

Crónica de TAVARES DA SILVA



época internacional de futebol abriu com um empate dois-a-dois no Estádio Nacional, mas o jogo não teve o brilho que seria de desejar — por várias causas. O resultado, afinal o que interessa no ponto de vista de competição, podia ter sido melhor, mas também podia ser pior. Não é brilhante, nem tão pouco de desiludir. Um resultado apenas como outro qualquer exprimindo o equilíbrio da competição. O vigor e a dureza da luta, emotiva e espectacular. O público vi-

brou intensamente, e também chegou ao fim extenuado e... gelado. O futebol praticado não subiu a nível elevado, de uma parte e de outra, mas julgamos que a melhor equipa do mundo também soçobria em idênticas circunstâncias. Coloquemo-lo, porém, num tom médio, e seremos, desta forma, serenos e imparciais. Dada a nossa maneira de ser, nem fazemos esforços para tal. Nós vivemos estes jogos como ninguém, apaixonadamente. Mas isso não turva o nosso juízo.

A equipa nacional merece, apesar de tudo, os mais escolhidos elogios. Não há palavras para descrever o seu espírito de sacrifício e a forma dedicada como se entregou à luta, nos bons e maus momentos. Todos jogaram com o maior dos interesses, pondo em campo toda a energia e entusiasmo de que são capazes, e na medida máxima.

Concordemos que tudo sucedeu contra o *team*. Parecia que o Destino se comprazia em pôr o grupo à prova. E na adversidade que se conhecem os homens, e neste aspecto todos se comportaram de modo inexecdível. Nem um só instante a equipa se desconjuntou. Pelo contrário, mantendo íntegra a sua organização — o Grupo Nacional demonstrou inequivocamente que podemos confiar na sua vontade e recursos.

Outro *team* talvez sucumbisse! Lembremo-nos que alguns jogadores foram atacados por doenças e lesões próprias do jogo. Que Azevedo, a oito dias do encontro, seguiu para o hospital. E que, como fim de festa, tivemos de suportar as mais nefastas condições provenientes do tempo que fazia. A chuva transformou a relva num pântano. O vento soprava furiosamente. Os elementos desencadearam-se sobre o Estádio Nacional para provar que o futebol é um jogo viril e muscular — próprio para atletas. Como disse o presidente da Federação Suíça no banquete solene: não se trata de um jogo para damas.

Não podia apresentar-se, portanto, um conjunto de circunstâncias mais adversas ao nosso onze e de efeitos mais desastrosos. E

certo que estes factores jogam para os dois lados, pois também influíram no futebol suíço. Mas não é menos verdade que estes estão mais acostumados à chuva, embora mais suave, que permanentemente cai no seu país, e aos terrenos alagados. Trata-se, de resto, de jogadores mais sólidos e corpulentos, que se firmam no terreno bem melhor do que os nossos representantes.

Com tudo isto, nem fomos batidos, nem saímos diminuídos do Estádio, nem nos deixámos dominar. Pelo contrário, dominámos em vários períodos a até mesmo quando todos julgavam, logicamente, que consentiríamos na vantagem do adversário.

Na primeira parte, durante a meia hora de começo, tivemos brilhantismos. Sofrendo um *goal* contra a chamada *corrente*, empatámos com uma bola de bandeira. Quando mudámos de campo, e poderia pensar-se que as coisas mudariam para pior, colocámo-nos logo de começo em vencedores e soubemo-nos defender como leões. Para toda a *pergunta* dos suíços tivemos a devida *resposta*. Nem ao sofrer a segunda bola — fraquejámos! Lutámos sempre e sempre, cada vez mais arreadamente. E no capítulo derradeiro — a luta comportou aspectos extraordinariamente belos e emocionantes, e a tal ponto que a balança poderia ter-se indicado, indistintamente, para uma ou outra das hostes.

O público também se comportou magnificamente, não só animando os jogadores, como sofrendo os ataques furiosos do vento e da chuva. O sacrifício do próprio público teve também qualquer coisa de terrivelmente penoso. Que dizer dos jogadores!



S grupos alinharam da seguinte forma: *Portugal* — Capela, Cardoso, Feliciano, Amaro, Moreira, Serafim, Rogério, Araújo, Peyroteo, Travassos e Albano. *Suíça* — Ballabio, Guerne, Steffen, Eggiman, Tanner, Courtat, Bickel, Hasler, Amado, Maillard e Fattton. *Árbitro* — o inglês Barrick. *Juízes de linha* — Carlos Canuto e Abel António Ferreira. O jogo começou às 15 horas e 18 minutos. Logo se verificando ataques insistentes dos portugueses, obrigando Ballabio a entrar em acção. Os jogadores vêem-se e desejam-se para evolucionarem no terreno. Joga-se mais pela asa esquerda do que pela direita, devido aos *serviços* de Moreira.

A linha avançada da Suíça não está, porém, inactiva. Fattton, um



Peyroteo, sempre na brecha, luta com Guerne. Travassos acorre, mas Steffen está mais perto e vai inte.vir com a eficácia que lhe é característica

extremo veloz, consegue fazer centros perigosos, e Amado executa um remate oportuno de cabeça.

A resposta portuguesa não se faz esperar, sob a movimentação de ataque de Peyroteo e Araújo. Jogamos em passes rasteiros, e a bola fica muitas vezes presa ao terreno. Os suíços insistem. Amado transporta a bola, aos nove minutos, e ao querer rematar dá um pequeno toque para o lado. Fatton acorre e bate irremediavelmente Capela.

Continuamos a jogar mais pelo lado esquerdo, utilizando Albano. A nossa equipa revela-se ao ataque, mas o defensor Steffen corta todas as avançadas. O jogo é confuso. Mas o comando da situação cabe-nos, e Amado aplica-se em duas recargas.

Registam-se de quando em vez lances de ataque dos suíços, mas nós somos mais perigosos. Araújo cruza muito bem. Rogério distingue-se na condução. Há dezanove minutos quando Rogério empata. Serafim serpe Peyroteo, este desvia para Araújo, que dá o passe clássico a Rogério. O extremo-direito interna-se um pouco e executa magistralmente, sem apelo nem agravo, o remate mortal. Ballabio está batido.

Como sempre sucede em tais condições — a equipa lusitana cresce. Regista-se nova descida de Rogério, e logo reacção helvética. A asa esquerda dos visitantes dá nas vistas. Os jogadores portugueses cedem um pouco.

Amado está constantemente em jogo, e Feliciano põe cobro a algumas situações de perigo. Os helvéticos passam agora a dispor de Bickel e atacam. Os portugueses respondem pelo centro do terreno, mas as jogadas são cortadas.

Na fase final do primeiro tempo, os portugueses fazem prodígios na defesa. Hasler, Bickel e Amado estão em acção, desenvolvendo jogadas, no entanto, mais em força do que em habilidade. Quase no fim, aplica Travassos um magnífico remate — fazendo Ballabio uma das melhores defesas de todo o encontro.

As 16 horas e 19 minutos regressam os jogadores ao terreno. Logo de início, a equipa nacional revela a intenção em que se encontra. Seu ataque é vivo e rápido. Rogério e Araújo executam uma vistosa descida, concluída por Travassos e com recarga de Albano, sem resultados práticos.

Em contra-ataque, Moreira, de posse da bola, corre sozinho, e remata fraco à laia de passagem. Peyroteo corre, mas não toca na bola e o

guarda-redes ilude-se: a bola entra nas redes. Jogava-se há nove minutos.

O futebol endurece muito, desse momento em diante. Os suíços lançam várias ofensivas. Rogério fica a coxear, ao receber um pontapé de Courtat. Outros receberá ainda pelo tempo adiante...

O médio-esquerdo suíço, em consequência de uma contra-ofensiva, remata forte. Capela lança-se à bola, ainda lhe toca, mas não consegue bloquear. Amado remata; a bola bate no poste e ressalta, permitindo a Fatton a marcação de um segundo goal, em jeito de leve toque.

Os helvéticos apertam a sua organização e dão a melhor medida da sua capacidade. Capela intervém várias vezes com êxito. Destaque-se a forma como pára um tiro de Amado.

A nossa equipa não se desmoraliza. Faz até várias descidas, cortadas pelo extraordinário Steffen. Nas investidas do onze português destaca-se a acção de Peyroteo.

Marcam-se vários lances próximos da nossa grande área. A barreira organiza-se razoavelmente. De outras vezes, a bola vai por alto. Bickel e Hasler estão em jogo, e este último consegue um pontapé de grande perigo, devolvido pela trave.

Os nossos jogadores dão-se à luta de maneira impressionante. Não só param todos os golpes, como organizam também ataques maciços. Os helvéticos lançam mão de toda a casta de truques e o público protesta indignadamente.

A reacção portuguesa impressiona e subjuga. À força de energia, a nossa equipa consegue, mesmo, dominar. Peyroteo remata com pouca direcção...

Quando falta um quarto de hora, Albano, tocado, sai do campo, e para o seu lugar passa Rogério, entrando Jesus Correia.

Capela executa duas defesas, e remates de Hasler e Amado. Carregamos pela asa esquerda, e os defesas suíços entram em acção. Sucedem-se os nossos ataques. Araújo brilha e Travassos esforça-se. Qualquer deles está activo. Verificam-se de novo remates de Peyroteo. Tanner entra duro a Rogério, e inutiliza-o praticamente. Mesmo assim, continuamos a atacar, empregando Jesus Correia. Os suíços não descançam um momento, pois repetem-se os nossos ataques.

A alguns minutos do fim — passamos um momento trágico. Steffen, inesgotável de energias, imprime, ele, defesa, ao futebol suíço, a função de ataque. Há marcação de um livre contra nós, a bola chega a ultrapassar a linha de Capela, mas um dos atacantes, que seg. e o seu movimento, está deslocado, e o árbitro vê a falta. Portugal reage ainda, mas o fim chega com o empate 2-2. O Estádio Nacional não quer dar-nos derrotas...



ÃO se podia praticar futebol na nossa pista de honra. A lama agarrava-se às botas dos jogadores e espirrava água por todos os lados. Houve momentos em que a chuva caiu furiosamente. Só uma grande resistência à fadiga havia de conseguir conservar os jogadores até final. Não podemos confiar grandemente nas indicações dadas pela partida. Duas coisas, no entanto, se têm como certas: o Grupo Nacional tem hoje moral e confiança em si próprio; e uma condição física resistente até o infinito. A este respeito, a prova não podia ser mais completa nem mais perfeita.

Todavia, pelo que deixou adivinhar, o team aumentou consideravelmente a sua capacidade de jogo. No capítulo defensivo, manteve-se a boa estrutura e solidez. A linha medular portou-se à altura, a ela se devendo muito do que se fez: excelente ordenação e bom auxílio aos backs, não esquecendo o serviço aos dianteiros. Defesas e médios colocaram-se bem no terreno, e nada há a censurar neste capítulo. É certo

(Continua na página 8)

O «Almanaque dos Desportos»

Grande livro de 300 páginas ilustradas

Logo que seja possível será posto à venda este maravilhoso livro de 300 páginas ilustradas, cujo preço, popularíssimo dado o seu valor, é de 22\$50. Os agentes da nossa Revista podem remeter-nos as suas listas, contando-se por cada nome um exemplar vendido.

Demos já o nome de alguns desportistas que asseguraram o seu livro, não sendo possível indicar todos de uma só vez, por falta de espaço. Mais um grupo de inscritos:

Manuel Marques, Senhor das Almas, O. do Hospital; Benjamin Virote Santos, Tomar; Francisco Baptista Miguel, Ponte do Sôr; Constantino Domingues Ferreira, S. João da Madeira; José Lopes Farinho, Serpa; Bernardino Pereira da Silva, Tanguinha, Vila do Conde; Luis Eugénio Almeida Ribeiro, Vieira do Minho; Apolino Augusto Alves Teixeira, Coimbra; João Cunha Casais, Vale da Pedra; António Ramiro Pedro, Peniche; António Santos Martins, Lisboa; Sigismundo Revés, Lisboa; António Duarte, Lisboa.

O Panorama do futebol INTERNACIONAL



Seleção de futebol da R. A. F.



Seleção de futebol da França



Seleção de futebol da Irlanda

O Portugal-Suíça, disputado no domingo, no nosso famoso Estádio Nacional, foi o primeiro desafio internacional de 1947.

E, tudo leva a crer, o primeiro de uma longa série, que deva exceder, longamente, o número de jogos internacionais celebrados em 1946: 53, segundo uma lista publicada há dias num jornal de Paris.

Lato que dizer, que o futebol internacional retomou o seu ritmo, pouco lhe faltando para chegar ao nível do período anterior à guerra. 1948, com o campeonato do mundo no Brasil, assistirá a mais de uma centena de jogos entre seleções nacionais. Por outro lado a facilidade de transportes accentua-se pela maior expansão das carreiras aéreas, contribuindo decisivamente para que se aperte a «rede» dos desafios entre nações.

No ano transacto só dois países não perderam os desafios que disputaram: um deles foi a Argentina, que venceu o Uruguai e o Brasil; o outro foi Portugal, vencedor da França e da Irlanda.

Que nos dará, neste importante capítulo dos jogos internacionais de futebol, o novo ano?

É fácil de prever maior actividade. Mas, evidentemente, é difícil, muito difícil mesmo, fazer com a mesma segurança qualquer previsão acerca da supremacia de determinado país. Referimo-nos, está bem de ver, a superioridade prática — digamos assim — ou seja a que se traduz pelos resultados dos jogos. Porque, sob o ponto de vista técnico, não hesitamos em considerar os ingleses em primeiro lugar. Aliás, essa posição não custa a compreender. A organização do futebol britânico é alguma coisa de muito importante e muito sério, começando por aquilo que constitui a base de um futebol perfeito: campos relvados. Os impressionáveis campos relvados, que em Portugal são ainda menos que os dedos da mão. Embora os clubes de futebol, disputando provas, excedam uma centena!...

Em 1946 a Inglaterra efectuou oito desafios, collocando-se em primeiro lugar entre todas as nações que disputaram jogos internacionais. Foi então batida pela Escócia e pela França e empatou com a mesma Escócia. Depois bateu as duas Irlandas, o País de Gales, a Bélgica, a Suíça e a Holanda. Quer dizer: na Grã-Bretanha a Escócia impôs-se à Inglaterra. Mas na Europa Continental a França pôde vencer a Inglaterra, o que deu aos franceses a impressão de que no continente, seriam eles os melhores em futebol.

Um crítico francês, Jean Erkenazi, afirmou que a hegemonia do futebol europeu seria discutida entre a França e a Itália. Mas acontece e que os dois países não chegaram a defrontar-se...

Entretanto os franceses efectuaram quatro desafios: com a Checoslováquia (3-0), a Austria (3-1), a Inglaterra (2-1) e Portugal (1-2). Uma conclusão se pode tirar desde já: os brilhantes resultados da França valorizaram de maneira extraordinária o triunfo que Portugal alcançou.

A Itália apenas realizou um jogo: contra a Austria, vencendo por 3-2. O confronto com o resultado do desafio França-Austria é favorável aos franceses. Mas as dúvidas quanto a essa possível luta para o «n.º 1» da Europa continental subsistem, até porque, recentemente, o Juventus exibiu-se em Paris e demonstrou que os italianos duas vezes consecutivas campeões do Mundo nada perderam da sua técnica individual, rapidez de conjunto e espírito combativo.

Um França-Itália deve, se se efectuar constituir um dos mais palpitantes acontecimentos do ano.

Presentemente, na Europa, há duas fortes correntes perfeitamente definidas. Uma adopta o W.M., como expressão máxima do futebol moderno; a outra é adversária do sistema. Relativamente aos países dessa corrente dizem os jornalistas

franceses que são os fiéis ao método...

A Austria, que nos deu há anos o famoso «Wunderteam», é a que segue mais apontadamente — o método. Na verdade os resultados dos seus jogos internacionais dão um impressionante saldo negativo: uma vitória só sobre a Hungria e quatro derrotas (Hungria, Checoslováquia, Suíça e Itália). Mas os técnicos austríacos atribuem as derrotas não a inferioridade técnica ou tática — mas sim às deficiências de toda a ordem verificadas no seu país; dos mais sacrificados pela guerra.

E, para orientar a discussão entre os partidários do sistema e do método, eis um pormenor curioso: a Checoslováquia, do método, venceu a Suíça (3-2), do sistema...

Mas há factos que, neste estudo, não podem ser desprezados: a revelação do futebol russo, através da visita do Dynamo à Inglaterra, e a triunfal digressão, pela Grã-Bretanha, do Norrköping. E não se considerou estes factos de alguma importância. A crítica inglesa alarmou-se e não faltou quem afirmasse: arriscamo-nos a deixar de ser os «mestres»! Matthews, o jogador em «1» da Grã-Bretanha e que também é jornalista, não se atemorizou, porém. Para ele os ingleses são ainda os melhores do mundo. cremos que só o campeonato mundial dará a resposta a todas as incertezas. Tudo leva a crer que os países da Grã-Bretanha tomem parte na competição. Então se resolverá um pleito que, por agora, permite, no campo de teorias, todas as hipóteses. Registemos a propósito, que um jornalista francês admite como finalistas do campeonato a Inglaterra e a Rússia... E como campeão o «team» inglês!

Não há dúvida de que os ingleses dispõem de grandes jogadores: Matthews, Swift, Finney, Lawton, Carter, Leslie Smith, Franklin... Mas a sua extraordinária classe pode embarrar na técnica moscovita, e na fogaosidade e boa execução dos italianos, que tem jogadores de superior classe, como Piola, Biavatti, Sentimenti, Paroli; na «fúria espanhola», de quem convém falar pois os espanhóis estão em plena recuperação; na arte dos «centrais»; na organização defensiva dos suíços; nos planos táticos dos franceses, etc... O exemplo do jogo Exército Português-Raf não pode ser esquecido. Nem a lição de Colombes. Naquele desafio a superior técnica individual dos ingleses não dominou o jogo e a energia dos portugueses; no encontro do antigo estádio olímpico de Paris também a «organização» da equipa de França pôs em cheque os «mestres» que tiveram de regressar a Londres com uma derrota...

E há ainda que contar com os países da América do Sul. A visita do S. Lourenço de Almagro veio dizer-nos que o futebol argentino continua ao nível que o levou às finais de um campeonato do Mundo e de um torneio dos Jogos Olímpicos. O Brasil é, também, adversário de muito respeito, semi-finalista do campeonato mundial de 1938. E o Uruguai há-de querer honrar os seus títulos de campeão do Mundo e Olímpico...

Mas fugimos um pouco ao tempo. Embrenhamo-nos já por 1948, quando era 1947 o nosso objectivo. Fomos no balanço adquirido...

Repetimos: que nos dará 1947? A resposta é difícil de dar. Embora verdade — e depois do ano terminado será possível...

Portugal vai ter uma palavra a dizer na campanha internacional. Escrevemos antes do jogo Portugal-Suíça e sem cuidar do resultado do grande desafio... O nosso espírito acompanha já a rota dos portugueses a caminho de Paris e de Dublin e a visita da Inglaterra e da Espanha — talvez, ainda, da Suécia e da selecção do Rio de Janeiro!

O S. L. e ELVAS

em Lisboa

Valadas diz-nos que...

Éis um outro clube da Província, dos que mais recentemente vieram agrupar no Campeonato Nacional: — o Sport Lisboa e Elvas. Por três motivos especiais se batem os que envergam a equipa do Elvas: honrar o clube, colocando-o no desporto nacional por forma a merecer a crítica elogiosa de quantos seguem o movimento do futebol português; prestigiar, com toda a sua actividade desportiva, o Sport Lisboa e Benfica, de que é uma filial das mais antigas; conquistar, pelos seus méritos e feitos no desporto, e representação do Alentejo no conjunto do futebol português.

Dando rápido balanço à actividade do Elvas e à forma como se tem conduzido, desde que ingressou na I Divisão do Nacional, verifica-se que o clube tem cumprido a sua missão e que é justo reconhecer-lhe interesse e boa vontade no sentido de melhor fazer. Quando este facto se pode apreciar num clube de segundo plano, é agradável registá-lo.



Eis os novos elementos do grupo de honra do S. L. e Elvas: Rosário, Virgílio, Neves, Toninho, Henrique e Oliveira



Um grupo de jogadores elvenses surpreendido em Lisboa. Acompanha-os Alfredo Valadas, seu treinador, e Arsénio, do Benfica



O grupo elvense em Lisboa

Ainda não nos tínhamos acercado esta época do Elvas, mas chegarem-nos informações de que o clube marchava por bom trilho.

— Desportivamente, quanto ao futebol, o S. L. e Elvas está um pouco diferente da época anterior. *Diferente* para melhor, claro está — diz-nos Alfredo Valadas, desde há tempos a orientar tecnicamente o clube.

«Neste momento, embora reconheça que à equipa ainda lhe falta adquirir muito pormenor técnico de essencial importância, estou no entanto certo que o Elvas cumprirá muito bem a sua missão.

Encarendo mais profundamente o aspecto técnico do seu grupo, Valadas declara-nos:

— Há pormenores e casos de jogo, numa equipa, que costumam a destruir, quando se pretende adequar um *team* às suas verdadeiras características. Tem sido, por isso, um pouco moroso o meu trabalho, mas o grupo acusa tendência para se integrar completamente no sistema que melhor lhe convém.

— Esses características...

— Vivem no grupo Sport Lisboa e Elvas à base do conjunto formado pelos seus jogadores — que são habilidosos e rijos. Estas duas qualidades constituem o ponto de partida para se obter o bom rendimento de uma equipa — para mais se, como sucede no Elvas, o grupo é formado por jogadores novos — a idade no *team* elvense está fixada entre os 22 e 23 anos. Um só jogador joga a este marca, com 26 anos.

— Mas também há novos elementos, este ano, no Elvas?

— Rosário, Virgílio, Neves, Toninho, Henrique e Oliveira são jogadores sobre quem recaem as melhores esperanças. De facto — justificadas.

— Dos antigos?

— Petalino, Messeno e Rebelo, que está a tomar posição de destaque, são dos que mais se têm evidenciado. Mas todos os componentes do grupo dão bom rendimento. Reconheço-lhes boas qualidades e registo um pormenor que ajuda sempre muito o trabalho do treinador e os bons resultados de um *team*: boa vontade e espírito de colaboração entre todos os jogadores.

«Como vê, tenho boa opinião acerca do grupo que temporariamente estou treinando. O campeonato é bastante duro para grupos de segundo plano, mas o Elvas é capaz de o percorrer com brio e de chegar ao fim em boa posição — tendo em conta, claro está, os seus recursos e a sua experiência. Tem qualidades que chegam e os jogos são fáceis ou difíceis, consoante os dias, a disposição, eu sei lá... Neste aspecto continuo com a opinião de que há jogos fáceis que se tornam difíceis e vice-versa.

— No ponto de vista associativo, que novidades nos dá o Elvas?

É o director, Joaquim Coelho, que nos fala:

— De momento estamos empenhados numa campanha de popularidade e simpática para o Elvas. A nossa posição no futebol nacional diz-nos que temos de engrandecer a nossa actividade e — o que é para nós de importância extraordinária — de nos colocarmos por forma a sermos os verdadeiros representantes do futebol alentejano. E, se ser assim, queremos desfrutar essa honra com merecimento absoluto.

«A popularidade do Elvas aumenta e últimamente temos efectuado em várias terras alentejanas encontros de futebol cuja receita oferecemos às Misericórdias locais.

«A iniciativa tem dado bons resultados para o nosso clube e para as Misericórdias. Ainda recentemente, no jogo que fomos disputar em Borba, conseguimos a receita de 9 contos.

«Pretendemos chamar a atenção dos alentejanos para o S. L. e Elvas, o que em parte tem sido conseguido, pois vemos aumentar o número de associados. Este facto é de maior importância, aquele que permite dar melhor vida a um clube com características do Elvas e porque quase sempre as receitas dos jogos não dão para as despesas. Valem-nos amigos dedicados, entre os quais podemos incluir a Federação de Futebol.

«De resto, a vida do clube vai andando, animando-a a esperança de vermos conseguido o nosso maior desejo: a construção da sede.

São bons os propósitos do Sport Lisboa e Elvas, tentando, ao mesmo tempo, engrandecer a sua vida associativa e elevar a sua posição entre os 14 clubes que disputam o Campeonato Nacional.

Fernando Sá

Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

III — A corrida de 400 metros

(Continuação)

Fundada a nova Federação em 1923, começa nesse ano a disputa regular dos campeonatos regionais e nacionais; o primeiro torneio regional de Lisboa iniciou-se em 30 de Julho, no velho campo de Benfica, e eram apenas dez os inscritos nos 400 metros: Jesus Crespo e Ribeiro dos Reis (S. L. B.); Mário Santos, Gentil dos Santos, Varejão e Adelino Baretta (C. I. F.); Salazar Carreira e Alberto Freitas (S. C. P.); Armando Sá e Joaquim Freire (G. S. C. Q.). Com a falta de alguns dos inscritos, organizaram-se duas meias-finais, que apuraram quatro corredores: Gentil em 57,8 s. e Freitas em 58,4 s.; Mário Santos e Salazar Carreira, ambos em 56,8 s.

Os dois apurados do Internacional, em atitude de protesto contra a partida dos 100 metros, que o clube julga irregular, não compareceram na final, pelo que os sportingistas, que corriam a segair os 400 metros-barreiras, se limitaram a passeio, vencendo Salazar Carreira em 1 m. 24,2 s., tempo de 600 metros.

Em 27 de Agosto realizaram-se os primeiros campeonatos nacionais, com seis homens nos 400 metros, entre eles o portuense Roberto Machado, triunfou, na final, Gentil dos Santos em 55,6 s. (novo recorde), seguido por Salazar Carreira.

Antes do campeonato, Gentil deslocou-se ao Porto, para tomar parte num festival, na Alameda das Tilias, no Palácio de Cristal; correu e ganhou os 400 metros em linha recta, em 54 s., tempo muito inferior ao recorde português, mas inomologável.

Na época seguinte, Gentil manteve a superioridade na prova, com novo empurrão no recorde; o reinado do excelente representante do «Cif» durou ainda mais dois anos, sendo seu mais directo rival o sportingista Abílio do Nascimento, para quem foram os títulos que Gentil se não apresentou a disputar.

Em 1925, o Comité Olímpico Português trouxe a Lisboa alguns atletas franceses de boa classe, para tomarem parte num festival cuja organização foi confiada à Federação, que não se mostrou à altura da incumbência. Nos 400 metros, como as pistas fossem apenas quatro e os concorrentes cinco, decidiram os técnicos dividi-los em duas eliminatórias, para arredar um deles. Na primeira corriam o francês Joasse e o alemão portuense Minnemann; na outra, Carbouney e os dois portugueses Nascimento e Proença.

A distribuição não podia ser mais infeliz, pois eliminava com certeza as dos repre-

sentantes nacionais e trouxe como resultado lamentável a desistência de Nascimento, o nosso melhor homem.

Em Outubro do mesmo ano celebrou-se em Madrid o primeiro Espanha-Portugal, cuja classificação foi: Larrabeiti, 55,8 s.; Leyra, 56,4 s.; Nascimento, 57 s.; Borges, que no Porto vencera uma prova de apuramento em 54,4 s., terminou último.

Note-se que em Agosto precedente, no concurso do C. S. Nan'Alvares, no Porto, Gentil fixara o mínimo nacional em 53,7 s., sua última proeza antes da lesão de rotura muscular na coxa, que o inutilizou por largo tempo e o obrigou a sajeitar-se a intervenção cirúrgica.

Em 1926 começou o reinado do portuense António Júlio Dias, que se manteve na vanguarda dos corredores de 400 metros durante mais quatro temporadas, encontrando em Alfredo da Silveira e, depois, em Ildo Gomes, dois adversários valorosos e, por vezes, vencedores.

No 2.º Portugal-Espanha, por exemplo, que se efectuou na pista do Lima, Larrabeiti repelia a vitória em 54 s., mas o segundo lugar pertenceu a Silveira, em 54,6 s., classificando-se Dias em último.

Em 1928, no match Porto-Lisboa, o campeão do Sport Clube do Porto alcançou o seu melhor resultado, estabelecendo com 52,6 s. um novo recorde nacional, que oito anos mais tarde foi igualado pelo braceirense Miguel Canha e só em 1938 foi superado pelo benfiquista Glória Alves.

Em 1940, um ano grande do atletismo português, apareceram alguns dos melhores especialistas da velocidade prolongada e as marcas atingiram um conjunto de acentuado progresso; três corredores bateram o tempo de Glória Alves e as finais dos campeonatos, em que esses homens se defrontaram, foram de entusiástica competição.

Em 4 de Agosto, nas Salésias, Francisco Bastos, que se estreava na distância, ganhou em 52,1 s., precedendo Barreiros Gomes, 52,3 s., e João André dos Santos, 52,8 s.; uma semana depois, na pista do Lima e no campeonato nacional, a ordem de chegada era a mesma, mas os tempos desciam para 51,2 s., 51,4 s. e 52 s.; o quarto classificado, João Jacinto, era creditado em 52,6 s.

Na época imediata aparece, na lista dos vencedores, um nome que se consagrou: o de Matos Fernandes.

Na ausência de Francisco Bastos, inutilizado desde o campeonato regional em virtude de uma forte distensão muscular que lhe impedia a participação em todas as provas oficiais, Matos dominou à vontade na distância; em 1942, porém, restabelecido o campeão sportingista, este voltou a impor a sua classe reconquistando os títulos ao seu rival.

Não nos alargaremos em comentários sobre os últimos anos, porque a sua história está em todos os espíritos presente e é muito fácil reconstituí-la: Bastos abandonou a distância para se consagrar ao meio-longo e o seu lugar passou a ser compartilhado por Matos Fernandes e Artur Dias, em Lisboa, e pelo nortenho Sampaio Peixoto, homem de superior classe e actual detentor do recorde da distância.

A tabela dos melhores tempos nos 400 metros mostra uma pontuação média inferior às das distâncias menores, o que em nosso



Uma chegada de Alfredo da Silveira, dos mais simpáticos e queridos atletas portugueses

entender não significa diminuição de valor dos especialistas, mas sim insuficiente aproveitamento da sua classe por escassez de treino ou descuidada preparação.

Armando Cortesão, Alfredo da Silva, Francisco Bastos, Barreiros Gomes, Matos Fernandes e Sampaio Peixoto, que consideramos os mais bem dotados corredores que têm disputado, entre nós, provas da distância, especializados com rigor teriam descido aquém dos 50 segundos.

São os seguintes os detentores de marcas abaixo dos 55 s.: J. Sampaio Peixoto (Ac.), 50 s., 27-7-46; F. Matos Fernandes (Bl.), 51 s., 30-6-46; F. Oliveira Bastos (Sp.), 51,2 s., 11-8-40; A. Barreiros Gomes (Bl.), 51,4 s., 11-8-40; Artur Dias (Sp.), 51,7 s., 29-7-45; J. Jacinto Silva (Sp.), 51,9 s., 10-9-44; João André dos Santos (Bl.) e José Vicente (Sp.), 52 s., respectivamente em 11-8-40 e 2-9-45; J. Glória Alves (Bl.), 52,3 s., 30-7-38; António Júlio Dias (Sp.), Miguel Canha (Braga) e Agostinho Pena (F. C. P.), 52,6 s., em 3-6-28, 19-7-36 e 4-8-40; Alberto Alfonso (Bl.), 52,7 s., 30-7-38; Domingos Canhão (Sp.), 52,9 s., 16-7-46.

Para completar estes apontamentos falta apenas a habitual lista dos campeões nacionais:

- 1911 — Francisco Rocha (Cif.), 1 m. 3,8 s.
- 1912, 13 — Alexandre Correia Leal (Cif.), 58,2 s. e 57,2 s.
- 1914 — Salazar Carreira (Sp.), 57,6 s. e Francisco Rocha (Cif.), 55,8 s.
- 1915 — Francisco Rocha (Cif.), 58,2 s.
- 1922, 23, 24 — Gentil dos Santos (Cif.), 55,6 s., 53,2 s. e 55,6 s.
- 1925 — Abílio Nascimento (Sp.), 55,8 s.
- 1926 — António Júlio Dias (Sp. Porto), 55,2 s.
- 1927 — Alfredo da Silveira (Cif.), 55,2 s.
- 1928, 29, 30 — António Júlio Dias (S. C. Porto), 52,6 s., 53,2 s. e 53,2 s.
- 1931 — Alfredo da Silveira (Cif.), 54 s.
- 1932 — Ildo Gomes (Sp.), 53,2 s.
- 1933 — Alfredo da Silveira (Cif.), 53,6 s.
- 1934 — M. Tavares Júnior (Ac.), 54,2 s.
- 1935 — João Ferraria (Ac.), 53,8 s.
- 1936 — Miguel Canha (Br.), 52,6 s.
- 1937 — João Ferraria (Ac.), 53,1 s.
- 1938 — J. Glória Alves (Bl.), 52,3 s.
- 1939 — A. Barreiros Gomes (Bl.), 52,4 s.
- 1940 — Francisco Bastos (Sp.), 51,2 s.
- 1941 — Manuel Raposo (Bl.), 53,2 s.
- 1942 — Francisco Bastos (Sp.), 52,5 s.
- 1943 — J. Jacinto Silva (Sp.), 54 s.
- 1944 — Sampaio Peixoto (Ac.), 51,3 s.
- 1945 — Artur Dias (Sp.), 51,7 s.
- 1946 — Sampaio Peixoto (Ac.) 51 s.

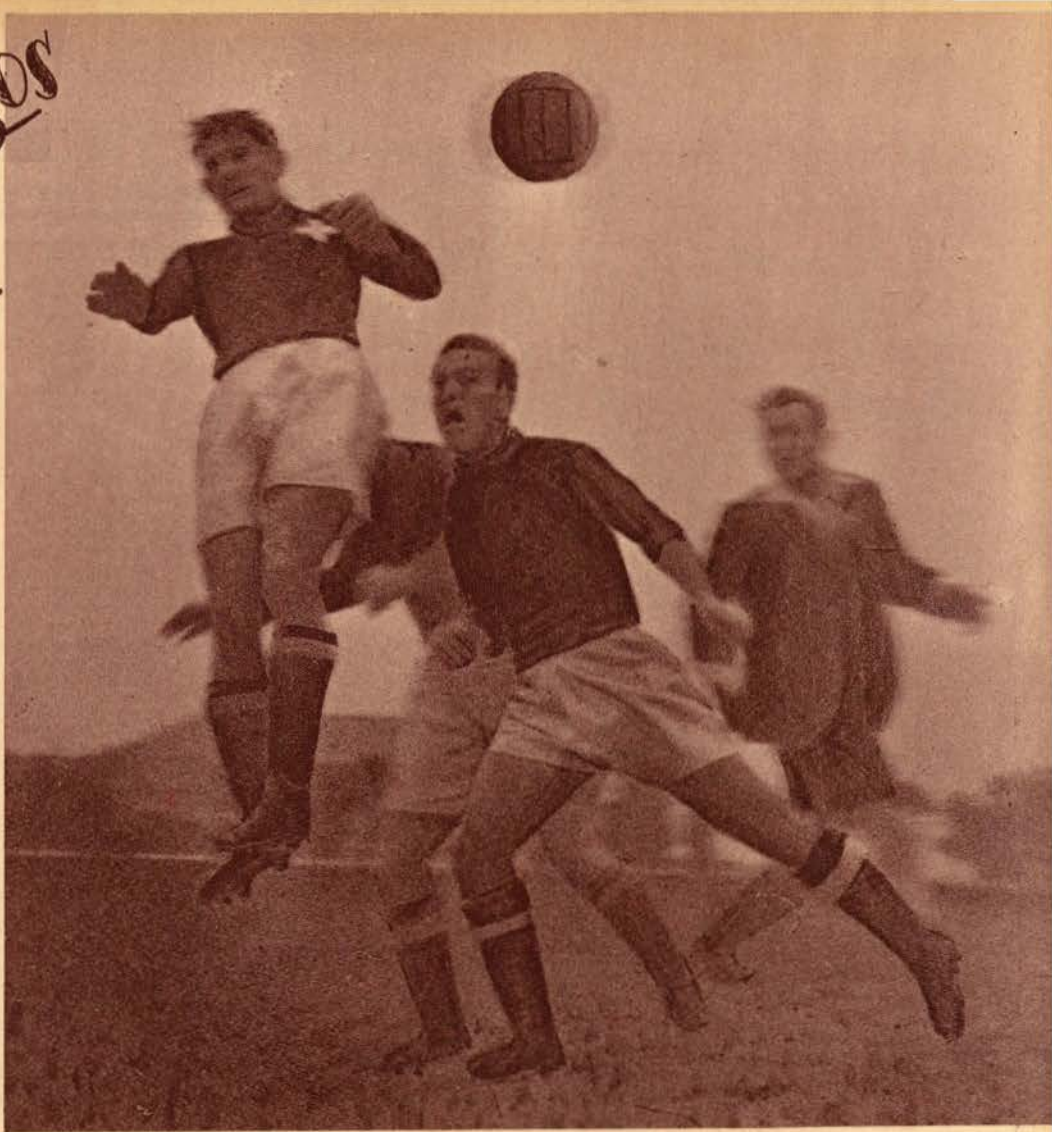
Por clubes: Internacional, 11 títulos; Sporting, 7; Académico, 5; Sp. Porto, 4; Benfica, 3; Braga, 1.

Salazar Carreira

O «académico» portuense Sampaio Peixoto bate o recorde dos 400 metros



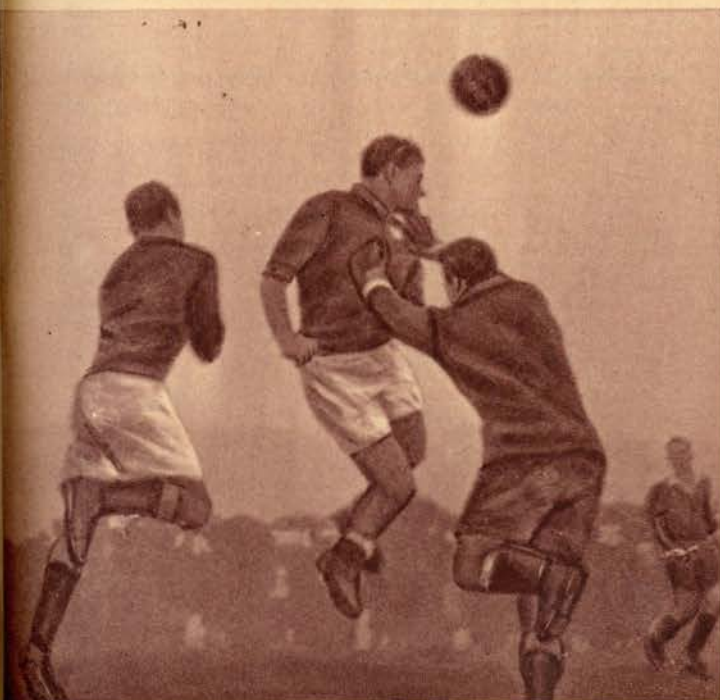
Instantâneos
 PORTUGAL
 SUÍÇA



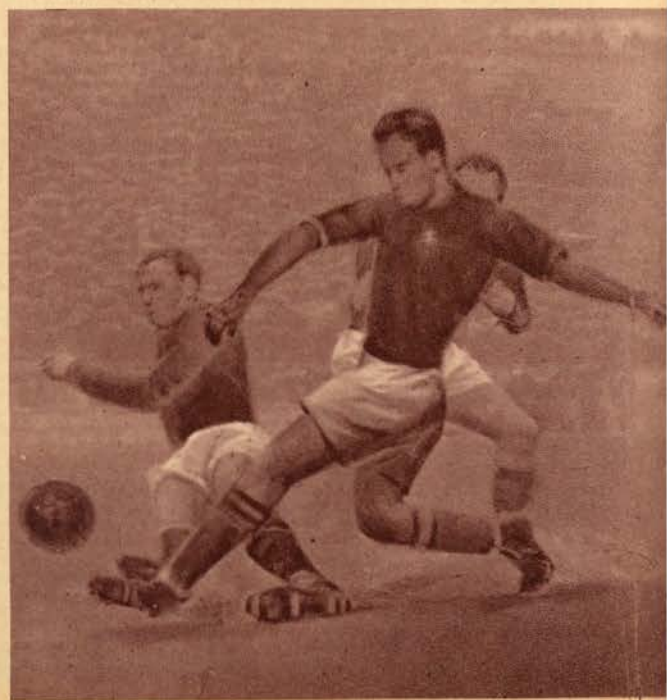
Um jogador helvético, saltando com ligeireza e oportunidade, consegue arrebatara bola a Serafim, médio esforçado e útil



Capela livrou-se de um adversário!



Feliciano e Capela defendem as balizas com bravura e decisão



Rogério tenta esgueirar-se, no seu característico passo

Os encontros da 6.ª jornada

foram muito prejudicados pelo mau tempo

O 11.º Campeonato de Juniores da A. F. L. teve no último domingo a sua sexta jornada. A primeira volta da fase inicial do certame está, portanto, prestes a terminar, não admirando, por isso, que as possibilidades dos encontros se accentuem cada vez mais.

O interesse deste campeonato, um pouco aquém do que se poderia esperar, dado que já se verificou a desistência de três equipas, foi, nesta jornada, prejudicado pelo mau tempo, que tirou brilhantismo aos desafios, tornando demasiadamente árdua a tarefa dos jovens jogadores, tanto mais que a maioria dos grupos já havia sido forçada a disputar um jogo no meio da semana.

Claro que, se normalmente a actuação das equipas de juniores não consegue satisfazer, desta vez o facto tornou-se mais sensível, pois o estado do terreno fez aumentar as dificuldades dos jogadores, que não souberam adoptar um jogo que lhes passasse as energias.

O programa da sexta jornada, comportando nove encontros, não se cumpria integralmente visto que o árbitro do desafio Arroios-Oriental A, considerando o terreno incapaz (talvez um pouco precipitadamente), resolveu adiar este encontro.

Na 1.ª série, os dois clubes melhor apetrechados não estiveram felizes. O Palmense, recebendo a visita do Estrela Amadora, não pôde evitar a derrota. Com um pouco de sorte teria obtido o empate. O favorito da série — o Sporting A — esteve também prestes a fornecer uma surpresa. Depois de ter marcado 17 goals, sem resposta, em dois desafios, deixou de dar a sensação de superioridade que proporcionara antes. No domingo necessitou dum «livre» para as-

segurar a vitória, a dois minutos do fim.

Na 2.ª série, apenas se efectuou um encontro, findo o qual o Desportivo Operário tinha vencido o Sporting B. O resultado aceita-se sem custo.

A 3.ª série continua a ser a mais «anida» — a única que ainda não «perdeu» qualquer concorrente. O Oriental B venceu o Sacavenense (3-0) e atenuou a má impressão das duas últimas «saídas», ao mesmo tempo que os rapazes de Sacavém se inferiorizaram.

C. U. F. e Belenenses A forneceram luta equilibrada, pelo que a vitória do primeiro (2-1) não causou espanto.

A equipa B do Benfica, contra um Mirantense que tem sido sempre animoso, obteve um resultado à maneira dos «encarnados».

Na quarta série, o Belenenses B defrontou o Estoril B. Mas os «azuis» ficaram além das suas possibilidades, avaliadas pelo comportamento nos anteriores encontros. O Atlético excedeu previsões mais optimistas, dado o rendimento dos cascaenses noutros desafios.

Diamantino Dias

Ano V — II Série — N.º 214
Lisboa, 8 de Janeiro de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, -3.º
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

das intervenções — havendo um golpe em que julgámos que nos daria o triunfo!

Na equipa suíça destacou-se o gigante Steffen, a quem o tempo menos prejudicou. Deu uma bela lição de como se joga à defesa — não perdendo o sentido do ataque, mesmo organizando avançadas. Ballabio também impressionou.

Na linha média destacou-se o centro Eggiman. Fatton, rápido e de golpe certo, Bickel e Hasler, desembaraçado e inteligente, passando para o melhor sítio em quase todos os lances, pareceram-nos os melhores suíços, acusando o grupo, no entanto, a harmonia que caracteriza as boas equipas.

Não podemos deixar sem reparo o hábito de truques e violências de alguns jogadores suíços (Amado é já soberaneamente conhecido nessa prática!), que passaram sem expulsão de campo por se tratar de um encontro internacional. Verdade seja, alguns dos nossos jogadores responderam — mas, em todo o caso, entre o comportamento dos nossos e o deles medeia um grande espaço.

A arbitragem do inglês Barrick merece simplesmente uma nota regular. O juiz de campo deixou-se perturbar um pouco pela violência da luta, e não quis aplicar sanções graves. Julgo muito bem os *offside* — que não conseguiram escapar-se-lhe. Outras faltas já passaram em claro. Bem sabemos que é difícil também arbitrar nas condições de domingo passado. Mas era de esperar mais de uma autoridade do apito (vide os castigos aplicados a Peyroteo por emprego regulamentar do corpo!). Deve dizer-se que não influíu no resultado. De qualquer forma, figura-se-nos injustificável o comportamento dos suíços dentro e fora do campo, chegando ao ponto de, no subterrâneo, e no intervalo, Amado, o inactivar em termos ásperos, a que, de resto, conseguimos pôr cobro. Está jogada a primeira cartada desta época. Outras vão seguir-se. Havemos de fazer o nosso melhor. Tenhamos todos confiança no futebol português.

T. S.



Steffen devolve uma bola de cabeça. Ao lado vê-se Peyroteo.

O 1.º desafio da época internacional

(Continuação da página 3)

que algumas unidades não estão na sua forma mais alta, mas temos de contar com os jogadores tal como eles se encontram, importando somente saber se são os que melhor servem.

Todos os elementos aplicaram-se com extraordinária dedicação. A linha de ataque, com dois interiores de pouco peso, movimentou-se com facilidade e destreza. Foi pena que os meias-pontas prendessem um pouco a bola, e não abrissem mais vezes o jogo às pontas — que era uma orientação que estava indicada. De um modo geral, porém, a sua actuação revelou possibilidades. Não temos dúvidas em o afirmar, e isto não poderá ser levado à conta de jactância, que, noutras condições, o resultado devia ser-nos favorável.

Das readaptações anunciadas não pôde realizar-se a que se referia a Francisco Ferreira. Ainda na manhã do jogo verificámos o estado do capitão do Benfica, nas Salésias, e resolvemos, como decisão mais sensata, a sua não-inclusão. Ferreira dava toda a espécie de toques e pontapés na bola, mas sentia a picadela da dor ao ensaiar os *sprints*. Já o alinhamento de Rogério a extremo-direito constituiu uma prova satisfatória. O magnífico jogador quase não sentiu a diferença, e o seu *goal* diz-nos não ter diminuído a sua eficiência.



ENTENDEMOS ainda dever fazer algumas referências mais especializadas ao trabalho dos jogadores. E começemos pela ordem clássica. Capela, no impedimento de Azevedo, tendo sido há algum tempo o guarda-redes suplente, alinhou nas redes. Certamente, não esteve em dia feliz, mas parece-nos justo que se ponham em destaque as dificuldades da sua tarefa. A parte alguns deslizes, de saídas ou de má blocagem, teve ao mesmo tempo defesas razoáveis. E' perfeitamente desculpável que a bola lhe tenha escapado algumas vezes da mão. A Ballabio sucedeu o mesmo. A outro qualquer *keeper* também sucederia. Julgamos defensável o critério de não expor dois guarda-redes de uma assentada, cortando o passo a futuros cometimentos. Todos os jogadores têm tempo de chegar ao doutoramento desde que afirmem valor e capacidade.

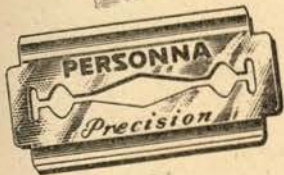
Cardoso e Feliciano, ligando bem os seus esforços, batalharam do princípio ao fim e quase sempre com êxito. Aquele porventura mais seguro, este no seu estilo combativo.

Amaro marcou a sua posição de jogador, experiente, e sabendo o que faz: energia indomável, e tanto mais para admirar quanto é certo achar-se enripado durante toda a semana. Ele, como Moreira, *cobriram* muito bem os seus homens, havendo-se destacado mais uma vez o bom passe do homem do Benfica, especialmente quando começou a servir os dois lados da frente e não insistiu exclusivamente no *alimento* para a esquerda — que é a tendência do seu pé direito. Serafim não destoa dos companheiros, bem pelo contrário. Além de ter desempenhado a sua função marcadamente defensiva, ainda se deu ao gosto de audiências que ordinariamente não pratica.

Rogério jogou no bom estilo, isto é, desempenhando o seu lugar e combinando com os companheiros. O seu *goal* ficará na história. Araújo pôs em campo a sua ciência de passe com o pé contrário, e deu-se a iniciativas de boa marca e na boa companhia de Peyroteo. O avançado-centro nacional não conseguiu fazer desta vez o *gosto ao dedo*, mas orientou muitos ataques com verdadeira mestria. Travassos, activo e de *dribling* excelente, aplicou remates fortes e procurou jogar com os companheiros. No entanto, o estado do terreno não era propício à sua aplicação integral. Albano, no primeiro tempo, desceu pela linha lateral de modo perfeito e combinou com o seu meia-ponta. Algumas jogadas para a galeria fizeram delirar vários adeptos, mas não são de aconselhar. Jesus Correia, no seu quarto de hora, destacou-se pela rapidez



TAL COMO A LÂMINA
PERSONNA



NO MOMENTO
DE SÉ BARBEAR

Porque de facto PERSONNA far-lhe-á uma barba com o esmero de um grande barbeiro. ¡Num instante! Por ser feita com grande precisão e dotada de fio côncavo e flexível, afiada a óleo, assentada no couro e à prova de oxidação... Para maior duração... e grata surpresa dos que a usam.

Distribuidores:
José Antunes d'Oliveira, Herd.º
Rua dos Fanqueiros, 346-1.º
Lisboa



Stadium
Desde o n.º 1, 2.ª Série,
cada exemplar, 2\$50

Stadium

Impressões do Estádio

O tempo quis fazer, e fez, uma pirraça aos desportistas portugueses. Começou a chover de madrugada e pelo dia adiante não parou. Por vezes, a água caía com tanta intensidade, que dir-se-ia estar a preparar-se um novo dilúvio...

No dia de «Ano Novo» o sol brilhante de Portugal não se negou. Nada fazia prever que o 5 de Janeiro ficasse assinalado — como ficou!

Os suíços trouxeram da sua terra chuva, vento e frio. E vieram com uma mala bem cheia...

Mas os portugueses não temem a chuva... Assim é que está bem. E 15 mil pessoas — ou mais! — estiveram no Estádio Nacional. 15 mil valentes, 15 mil heróis, 15 mil — tudo!

A F. P. F. tem procurado que os verdadeiros adeptos do futebol não deixem de ir aos jogos internacionais. É louvável o seu objectivo.

No domingo, a Federação podia ter tomado uma iniciativa digna de aplauso: mandar distribuir por todos os espectadores bilhetes que lhes garantissem a assistência ao próximo Portugal-Espanha. Esses valentes bem o mereciam. Porque são eles os verdadeiros adeptos do futebol. Os mais fiéis, os mais dignos de atenção.

A maior parte do público compreendeu, imediatamente, onde estava melhor. E como era no topo do lado Sul, para lá se dirigiu e lá se aglomerou. Os espectadores faziam costas uns aos outros, para melhor suportarem a água e o vento...

Mas, mesmo assim, houve pessoas que saíram do Estádio Nacional sem um fio enxuto no corpo. A água entrava por cima e saía por baixo...

Ninguém se sentou no Estádio Nacional. Os 15 mil de domingo tiveram de juntar às consequências directas da chuva uma consequência indirecta — não puderam estar sentados... Tiveram de sofrer tudo — a pé firme!

Os chapéus de chuva — os brasileiros chamam-lhes «para-águas» — tiveram larga utilização. E muita utilidade... Os milhares de chapéus abertos davam ao Estádio Nacional um aspecto extravagante, mas curioso. Parecia que alguém se entretivera a estender um manto negro sobre o anfiteatro do Estádio.

A's vezes, a chuva diminuía. Quase parava. E o manto negro desaparecia num repente, para não tardar a cobrir os 15 mil valentes da Cruz Quebrada.

O vento era muito. Soprava violento. E foram muitos os chapéus virados, de varetas elevadas para o céu...

Um golpe mais forte arrebatou o chapéu de um fotógrafo. E era vê-lo, numa *correria* desenfreada, através do campo, na direcção da «bocarra» da Praça da Maratona. Aí se desfez. Enquanto cá de longe o dono observava a «fuga» com melancolia — e molhado até os ossos!...

Os fotógrafos dos jornais foram das maiores vítimas deste dia de chuva. Sentados nos seus bancos portáteis, arrostaram com firmeza a intempérie. Porque o serviço tinha-lhes sido marcado e o público não quer saber de desgraças... Principalmente o público que não saiu de casa — e «ouviu» o jogo pela telefonia.

Não há como estes dias para fazer aparecer as indumentárias mais esquisitas.

Ao nosso lado, os rapazes da rádio envergavam umas capas de oleado que lhes davam todo o aspecto de pescadores da Terra Nova.

O vento era tanto que, a certa altura, as bandeiras hasteadas no mastro de honra se esfarraparam. A bandeira suíça não se aguentou na adriça e veio estatelar-se no campo de jogos!

Mas a equipa, essa, não se estatelou. Pelo contrário, os suíços estiveram quase a passar uma «rasteira» aos portugueses...

E a propósito de rasteiras e coisas idênticas: para se ser jogador internacional não basta saber jogar. É necessário composição e saber ter atitudes sempre perfeitas. De um lado e do outro houve elementos que se esqueceram deste preceito.

A chuva era tanta que o campo parecia um vasto lago, de águas cobertas por limos.

Outras vezes dava a sensação de uma piscina. Os jogadores caíam e deslizavam alguns metros como nadadores...

Só nos lembra de um desafio internacional disputado em condições idênticas: um Portugal-França que, no Estádio do Lumiar, os portugueses ganharam por 4-0. Mas aí ainda havia camarotes e bancada coberta. No Estádio Nacional é o que todos sabem — e 15 mil sentiram...

Vimos no Estádio Nacional muitas senhoras!

Decididamente — já não há «sexo fraco»...

Pedro Escartín veio propositalmente assistir ao desafio. Ficou encharcado até à medula...

Comentário de um camarada: — Escartín veio de Madrid a Lisboa para tomar... banho!

O desafio reflectiu o estado do tempo. Estes jogos assim costumam ter resultados de lotaria... Os guarda-redes vêem-se em embaraços e os outros jogadores também acusam os efeitos da chuva, do vento, da lama...

Ora, para jogar na lotaria, com êxito, é preciso ter sorte. Os suíços tiveram tanta sorte que até o tempo estive de feição para eles.

Dizia-nos um espectador: — Estes suíços não gastam o «leite» quando jogam com os portugueses!

Seis desafios. Quatro vitórias dos suíços, um empate e uma vitória dos portugueses.

O «complexo de inferioridade» mantém-se.

O loiro Steffen apresentou-se de cabelo cortado «à escovinha». Grande jogador. Grande em tudo. Na altura — e no saber. De resto, estava ali um representante... do futebol inglês!

Steffen impressionou todos os espectadores. E foi, ainda, um homem correcto e leal. Ao contrário de alguns dos seus companheiros de equipa...

A arbitragem, a cargo do inglês Barrick, foi um tudo nada favorável aos portugueses.

Consequência da aliança «lusobritânica»...

Atrás de nós, indiferentes à chuva, três suíços aproveitavam todos os momentos para se expandirem.

— Amado!
— Hasler!
— Bickler!

Alguns portugueses, incompreensivos, pretenderam intrometer-se com os helvéticos, mas foram chamados à razão por alguém que lhes disse:

— Se os senhores estivessem num campo da Suíça também haviam de gostar de incitar os portugueses.

Nunca mais ninguém disse nada aos simpáticos suíços...

Nunca o Estádio Nacional se esvaziou tão depressa como no domingo.

Podera! Toda a gente tinha pressa de se encontrar em casa para mudar de roupa...

Futebol, futebol, a quanto obri-gas!

Manuel Mota

PORTUGAL, 2 SUIÇA, 2

O GRUPO NACIONAL
afirmou SUPERIORIDADE!



Cardoso e Amaro, conjugando os seus esforços, em acção. O back português tapou o caminho do adversário e a contra-ofensiva vai organizar-se...



Uma intervenção de Capela! Ainda se vê um jogador no chão. Deve ter sido um momento de grande perigo para as balizas nacionais!



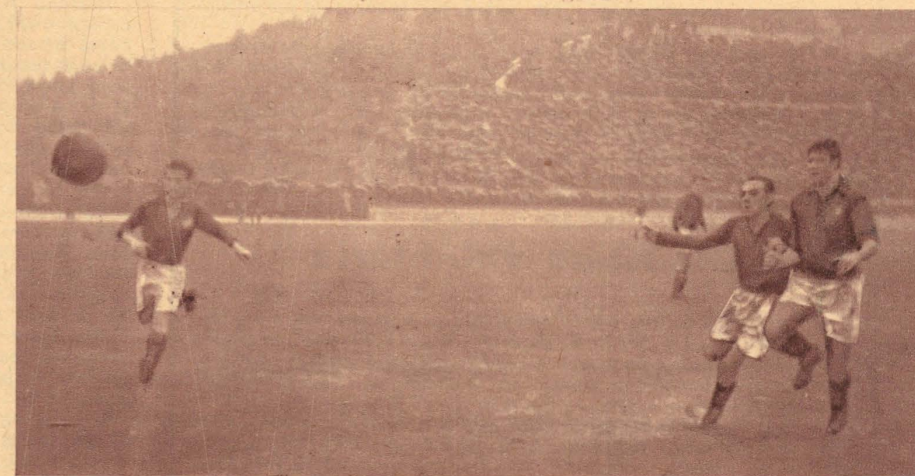
Seleção portuguesa de futebol — *No primeiro plano, da esquerda para a direita:* Rogério, Araujo, Peyroteo, Travassos e Albano. *No segundo plano:* Cardoso, Feliciano, Serafim, Amaro Capela e Moreira



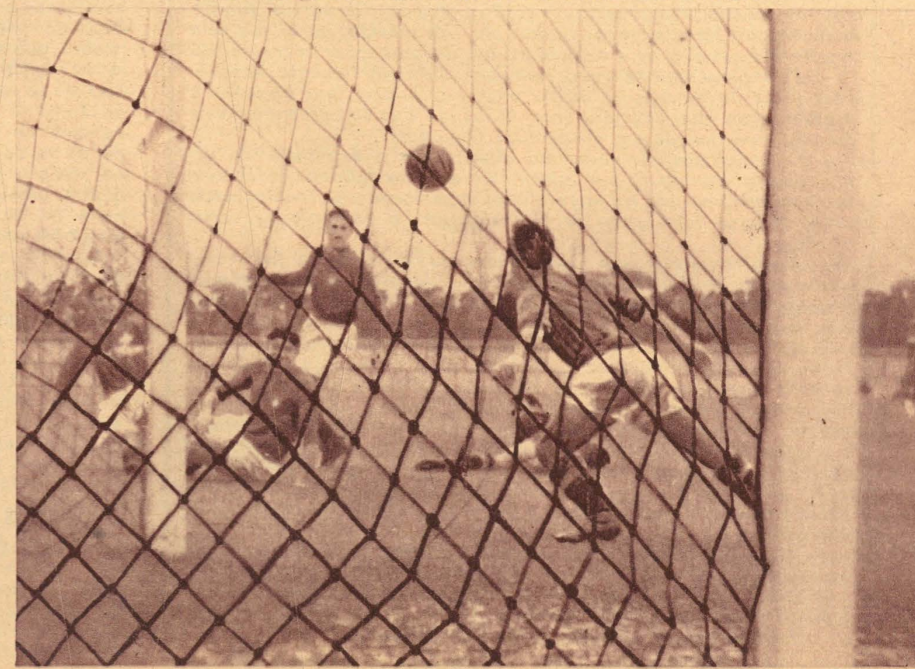
Seleção suíça de futebol — *No primeiro plano da esquerda para a direita:* Bickel, Hasler, Amado, Maillard e Fatton. *No segundo plano:* Tann Eggiman, Courtat, Steffan, Ballabio e Guerne



Um jogador suíço quer meter um «goal» a soco... A sua volta há como que um anel de segurança



Um ataque suíço que Feliciano tenta cortar... Deve ser difícil o passe chegar ao seu destino. Pelo menos a Amado!



Não fora esta «cabeça» oportuna de Cardoso, e não teríamos talvez empatado...

Comentários

Uma lição para aproveitar

A classificação dos dois corredores portugueses que foram a Barcelona disputar o Prémio Jean Bouin nada teve de honroso para o nosso atletismo, mas constituiu mais uma proveitosa lição, das muitas que nos são indispensáveis para valorizar a classe dos nossos melhores homens, proporcionando-lhes a competição com adversários estrangeiros e em condições diversas das que lhes são habituais.

O 18.º e 19.º lugares de Filipe Luís e João Silva não correspondem ao seu exacto valor; contávamos vê-los entrar na meta entre os dez primeiros concorrentes e a relegação para o fim da segunda dezena é um contestável fracasso que desilude a opinião pública. E', porém, a consequência lógica de uma inexperiência que se paga: se collocássemos numa pista, para correrem dez quilómetros, os vinte melhores do Prémio Jean Bouin, temos a certeza de que os dois portugueses bateriam largamente, — mesmo na condição ainda pouco apurada em que se encontram, — muitos daqueles que se precederam na estrada.

Estas considerações não têm o propósito de uma desculpa: são apenas o comentário indispensável para combater o natural pessimismo português, jocando que devemos aceitar em todo o seu rigor a severa lição, tirando dela todo o proveito prático e lénico, que para futuro pode e deve ser vantajosíssimo.

Já em Julho passado, a propósito de alguns resultados das corridas no encontro Portugal-Espanha, a crítica reconheceu que os nossos representantes foram batidos abaixo do seu valor, por insuficiência na preparação ou, antes, por incúria no aproveitamento da classe.

Os campeões portugueses, aqueles que habitualmente vencem, limitam-se a graduar o seu esforço pelo dos adversários, aos quais sabem vencer com o esforço limitado de um aceleramento final. Quando, em circunstâncias diferentes, são obrigados a adoptar logo no início dos percursos um andamento rápido, deslói-se-lhes a mecânica e as consequências são desastrosas.

Duas boas lições, ambas em Barcelona, fornecem-nos elementos bastantes para prevenir o futuro.

Ginástica voluntária

Por mais de uma vez temos referido a necessidade de criar em Portugal a federação de ginástica, reunindo nesse organismo as actividades dispersas e confiando-lhe a missão de propaganda popular da educação física elementar, que ainda não passou, no país, do estado rudimentar.

As tentativas mais interessantes, entre as quais é de justiça citar os Concursos Infantis e os Ginásios Bairristas, empreendimentos do extinto jornal «Os Sports», extinguíram-se pela falta do apoio de um organismo oficializado; e, mais recentemente, o projecto do nosso colega «Mundo Desportivo», para realização do congresso dos clubes de ginástica e cujo principal objectivo era sancionado pela própria Direcção Geral dos Desportos, fundar a federação de ginástica, talvez por isto mesmo, paralisou pela resistência passiva, pelo abandono das organizações interessadas.

E' precisa uma reacção enérgica, autoritariamente imposta por quem de direito, se outro meio não houver, que imponha a realidade do fim desejado por todos os que compreendem este assunto com isenção e profundidade nacionais.

Os benefícios que poderiam advir, para a expansão da ginástica em Portugal, por intermédio de uma entidade federativa devidamente apoiada pelas entidades superiores, são incalculáveis e tal critério tem, para se fundamentar, a exemplo de casos similares.

Apontamos este: em 1904 fundou-se na Suécia a federação nacional de ginástica, que empreendeu logo uma campanha de propaganda cuja divisa foi «ginástica para todos» e cujos objectivos se destinam, para as crianças, ao desenvolvimento físico de que aprofundarão pela vida adiante; para os adolescentes, um divertimento sã e natural, que desenvolve o corpo e fortalece a vontade; para os adultos, a dose de exercícios físicos variados necessária para conservar e fortalecer a saúde; para as pessoas idosas, movimentos adequados à sua idade, que afastem a velhice e alegrem o espírito; aos trabalhadores manuais, exercícios que, pela sua diversidade, suprimam o efeito depressivo do trabalho uniforme quotidiano; finalmente, aos intelectuais, a cultura física variada de que precisam e que a sua actividade profissional não assegura.

As consequências desta campanha foram formidáveis e demonstram-se à evidência com um simples enumerado: em 1918 os filiados eram já 8.000, em 1929 atingiam 59.000 e em 1936 a conta cifrava-se em 138.000!

Não há comentário que valha esta indicação.

TOM FINNEY, rival de Matthews

é soldador de profissão

tem 24 anos e gosta de jogar ténis...

JANEIRO de 1947—Especial para «Stadium»—Por FERNANDO MENDES

Quem é Tom Finney, substituto do célebre Stanley Matthews, internacional contra a Irlanda em Belfast e contra a Holanda em Inglaterra? Um jogador que os ingleses considerem o «segundo melhor ponteiro direito» do seu país. Simplesmente isto? Já não será nada mau, na Inglaterra, ou, melhor dizendo, na Grã Bretanha, visto que Stanley, a despeito de um afastamento passageiro, tem por si milhões de admiradores fiéis.

Parece-nos oportuno dizer, entretanto, alguma coisa sobre Finney, elemento de extraordinários recursos, ainda jovem, de mais a mais porque pode ser possível a sua inclusão no grupo da Inglaterra contra Portugal.

Quando Finney tinha 14 anos assinou a «ficha» pelo Preston N. E. como amador. Jogava então a Interior esquerdo, passando em 1938 para ponteiro direito. Em 1940, com 18 anos de idade, fez o seu primeiro jogo na Liga Inglesa, contra o Liverpool. Foi uma grande época para o Preston, que conquistou nesse ano a «Taça da Liga» e o campeonato do Norte. A aspiração de Finney era tornar-se profissional logo que abandonasse a escola, mas o pai fê-lo mudar de ideias, levando-o a acreditar que a vida de jogador não é muito longa e que devia procurar emprego. Assim fez. Trabalha actualmente como funileiro (plumber) ou melhor: soldador.

É um rapaz muito modesto, como se vê. Gosta de jogar ténis e de dançar. Casou-se há um ano e tem já um filho.

A melhor parte dos críticos desportivos Ingleses são de opinião que Finney tem aquele «poder» que é condição de poucos «génios» do futebol, que nunca são esquecidos (é justo lembrar Alex James), o «poder» de se apossar de todo o jogo, de dirigir a marcha do desfecho, o «poder» de tudo sustar quase até ao ponto de colocar os jogadores na posição em que deseja, para depois passar a bola de uma maneira muito sua para o jogador mais bem «desmarcado».

Com 24 anos, Tom Finney é esta época o homem mais falado no futebol britânico depois de Matthews, desde que ele o substituiu no «team» da Inglaterra contra a Irlanda, em Belfast, e, mais tarde, contra a Holanda. Dizem ainda os mesmos críticos que Finney tem mais vida e que é menos individualista, em relação a «Stan». Uma qualidade? Julgamos que sim...

18 mil libras na Inglaterra-Escócia a favor da Cruz Vermelha!

Em Inglaterra não há outro desporto que tenha feito mais pela caridade do que o futebol. São sempre dadas facilidades de boa vontade,

fazendo-se «quetes», fora e dentro dos campos, a favor de qualquer organização de beneficência. Temos às vezes presenciado mulheres e homens dessas casas de caridade pedindo, segurando em grandes lençóis, nos intervalos dos desafios. Recebem sempre do público bom acolhimento, como se vê no fim da «quete» pelas moedas e notas que enchem os lençóis. Outros vão às bancadas e, por meio de «caixas», recebem várias dádivas.

A receita do desafio Inglaterra-Escócia, que se jogou no «Wembley» em 19 de Fevereiro de 1944, rendeu perto de 18 mil libras, que se destinavam à Cruz Vermelha. Foi a maior receita para fins de caridade que numa reunião desportiva até hoje se apurou em Inglaterra. Com a soma acima mencionada o total das receitas para a Cruz Vermelha, etc., cobradas só no Empire Stadium (O Wembley-campo de futebol e o Wembley-piscina e campo de hockey no gelo) excede, desde o começo de guerra, mais de 100 mil libras.

A razão por que nos referimos a este assunto foi para mencionar a Associação de Assistência aos próprios futebolistas, denominada «The Football League Jubilee Trust Fund». No dia 30 de Maio de 1938, a Liga realizou a sua reunião anual, que foi a mais concorrida e animada das 50 reuniões anuais, até agora.

No mesmo dia centenas de pessoas assistiram ao banquete da Liga, durante o qual foram recebidas mensagens do Rei e da Rainha, de Lords e do povo em geral. Em comemoração deste grande acontecimento foi instituído um «Fundo Jubileu», com intuito de angariar a quantia de £ 100.000. O objectivo do «Fundo», exposto pela Liga de Football, é o seguinte:

1) Assistência aos jogadores e ex-jogadores necessitados da Associação de Football e seus dependentes (congêneres);

2) Assistência aos funcionários do Clube necessitados (honorários e estipêndios) e outros associados da Liga e dos Clubes; e

3) Instrução e cursos de aprendizagem prática aos jogadores da Associação de Futebol.

Cada Clube da primeira divisão contribui com £ 1.000; segunda divisão, £ 500; e cada clube da terceira divisão, £ 250.

A acrescentar a isto realizam-se por todo o país os desafios do «Jubileu» (geralmente em Agosto, todos os anos) e em que todas as receitas vão engressar o «Fundo de Assistência aos Jogadores e Funcionários dos Clubes».

Outras vezes para o mesmo fim — obras de caridade — efectuam-se desafios de futebol. O mais recente foi o Norte contra o Sul,

(Continua na página seguinte)

O nosso primeiro empate com a Suíça

Impressões próprias e outras que nos transmitiram os Jogadores e o Árbitro

O suíço Steffen declarou antes do encontro que estaria «como peixe na água» se o nosso maravilhoso Estádio apresentasse o aspecto de sábado — com a relva dominada pela chuva, um pouco de névoa sobre a cabeça dos jogadores, algo de inverno rigoroso e imperdoável. Embora o defesa do Chelsea nos venha de Inglaterra, onde os jogos em tempo de tal quilate são moeda corrente, julgamos que o seu estado de espírito se estendeu com facilidade ao coração dos colegas de equipa, em Lausana ou em Basileia habituados a tratar a neve e o frio por ta.

Por isso, e até porque o nosso público não pôde magnetizar os jogadores lusitanos com o calor dos seus gritos e aplausos, sentia-se que o existiria deste princípio certo complexo de inferioridade física, pelo menos na segunda parte. Pois assim aconteceu. Mas apenas isso.

Em nossa opinião, a equipa portuguesa teve no domingo um comportamento brilhante, pois que se movimentou admiravelmente toda a primeira parte e soube suportar na segunda os inconvenientes de um temporal desleito, tão rigoroso que até o árbitro C. S. Barrick se mostrou perturbado, parando o jogo, indeciso, deixando a perceber vontade em regressar com portugueses e suíços ao balneário!

Em certos momentos da segunda parte, levaram os portugueses e alguns adversários o seu espírito de sacrifício até os mais altos cumes da vontade, e na verdade apenas Steffen se mostrava alegre e portentos, brilhando a cada passo e a cada intervenção, ora submetendo qualquer avançado desprevenido para o choque, ora sujeitando a bola molhada e mofada aos seus pés elásticos e fortes.

Luta titânica, verdadeira luta esbaldada pela importância do jogo, compreendido pelos homens que representaram dois países no terreno, e também por alguns milhares de pessoas de indesmentível fé. Algumas senhoras vimos nós, insensíveis à tempestade, sorrir e bater palmas, apaixonadas pelo encanto da bola que os atletas procuravam ganhar, num esforço dignificador e belo, que não esquecerá tão cedo ao verdadeiro homem de desporto.

Mais do que a exibição de ans e de outros, loave-se carinhosamente, por ser muito justo e muito humano, quantos contribuíram para o regular êxito desta jornada internacional. Lemos alguns que ao público seria dado bom prêmio se o considerassem com direito a entrar de graça nos futuros jogos. Tal não é possível, evidentemente. Mas que os dirigentes procurem não esquecer a sua alta prova de amizade, demonstração de que

se pode contar com ele nas emergências mais complicadas.

Sobre o jogo se pronunciaram já outros críticos, e nós pretendemos apenas pincelar o 6.º Portugal-Suíça com algamas tintas de uso pessoalíssimo, sempre aceitáveis neste mundo de opiniões que servem de bordão para ligar pensamentos e comentários.

Que nos agradea o jogo dos portugueses já se disse em cima, e com este fio prosseguiremos, embora metendo foice em seara alheia. Daqui a nada transmitiremos algamas falas de vários desportistas ligados a esta competição entre-nações, que não deslustra, felizmente, antes afirma as possibilidades portuguesas seja contra quem for. Antes, umas referências mais, não de ordem técnica, mas de carácter sentimental, porque o desalio de domingo favoreceu o ramo, o caminho da filosofia. Esta também ensina alguma coisa, e talvez diga que o grapo constituído por Tavares da Silva corresponde principalmente enquanto o ataque teve «caixa» para resistir. Isso aconteceu por muitas vezes.

Das coisas mais bonitas do desalio, por exemplo:—o primeiro tento dos portugueses. Só para ver a jogada de «preparação» de Araújo e o remate rapidíssimo e fulminante de Rogério, vale a pena sofrer os golpes da chuva! O desalio não fornece apenas esse lance de bom futebol, da nossa parte, e por isso pode afirmar-se que se os suíços fizeram tudo pelo empate, não teria sido injusta a vitória dos portugueses, talvez pela mínima diferença.

Passaremos agora a escutar de relance a opinião de jogadores e de categorizados elementos desta partida memorável.

O capitão da equipa portuguesa, Alvaro Cardoso, defesa que se manteve dentro de um ritmo certo e proveitoso, afirma:

—O estado do campo dificultou particularmente o nosso trabalho, mas julgo que o empate foi pelo menos bem merecido.

«Não faço comentários ao trabalho dos meus colegas. Todos fizeram o possível por ganhar o jogo.

Já o capitão da equipa suíça, o conhecido Amado, nome que encobre um jogador «áspero», mostra-se menos atencioso para com os lusitanos. Não lhe agradea o resultado. E diz:

—O árbitro contribuiu para a vitória dos portugueses. Com este Barrick seria impossível ganhar.

Reduziríamos as opiniões de Amado à expressão mais simples se para tanto houvesse espaço. Adiante. Ouçamos o hercúleo defesa Steffen:

—Eu gostei do jogo, que me correu de feição. Parece-me o avançado-centro Peyroteo o jogador mais difícil de marcar,

porque é forte e perigoso quando foge em direcção à rede.

Pedro Escartin, conhecido técnico espanhol, veio até Portugal ver o jogo. E comentá-lo.

O seu parecer: —As más condições do terreno impediram por certo melhor trabalho dos jogadores portugueses. Ainda assim gostei muito de Araújo, Cardoso e Rogério, um jogador talentoso. Steffen, quanto a mim, junto de Araújo, foram os melhores homens em campo.

Um dos portugueses que também contribuiu bastante para o bom resultado da equipa nacional foi sem dúvida Moreira, autor do segundo tento, que por alguns minutos nos fez saborear o prazer da vitória.

Afirmou: —Com um pouco mais de sorte ganharíamos o jogo. E parece-me que seria justo.

Algamas impressões mais, colhidas no «quartel suíço», menos carregadas de pessimismo. De Ballabio, guarda-redes que já vimos jogar em Portugal.

—Os portugueses jogam duro. Mas nós também, dentro daquilo que se deve consentir numa partida de futebol-internacional. O tento de Rogério surpreendeu-me. O de Moreira atraíu-me.

Eggiman, médio centro helvético:

—O jogador português Mo-

reira impressionou pela energia. Tem bom domínio de bola. Não me agradou o trabalho do árbitro e justificava-se a nossa vitória.

Por último, o juiz de campo. Mister Barrick viu o seu trabalho dificultado pelo mau tempo, que provocava choques, uma ou outra «resposta» como desforço, embora no fundo tudo consequências do temporal. No entanto, mister Barrick procurou ser justo, e se poupou os portugueses também não deixou de fazer o mesmo quando os suíços pisavam o risco. Consentia que os defesas jogassem a «varrer», e o nosso público bem pode preparar-se para atitudes muito iguais por parte de adversários futuros. Joga-se assim pelo mundo fora.

Eis o que disse Barrick: —Foi dos jogos mais difíceis da minha já longa carreira. Os dois grupos jogaram duro, e o mau tempo fez invejar o nevoeiro da minha Inglaterra.

Para a história do jogo, aqui fica mais um punhado de impressões. Juntando-se-lhes a nossas, encontra naturalmente o leitor a garantia de que o ditado desalio do Estádio Nacional pode servir o nosso futebol em todos os seus aspectos. O seleccionador o explicar, nesta mesma Revista, e por isso não procurámos saber a sua opinião.

Rodrigues Teles

CARTA DE INGLATERRA

(Continuação da pág. anterior)

que rendeu £ 7.000 ou sejam 700 contos para o «Fundo dos Marinheiros».

Em Inglaterra, como em todos os países, afinal, o popular futebol contribui com a sua importância para mitigar muitas dores. Não se pense que é só em Portugal que isso sucede...

Os Imponderáveis do futebol ou o que sucedeu a Shimwell e Westcott...

A Liga Inglesa vai no meio do seu campeonato. Todos os clubes tiveram que jogar na semana do Natal, de 21 a 28 de Dezembro findo, quatro vezes. E suportarem a viagem durante toda a noite em combolos «pinhadíssimos»... Como aqui em Inglaterra no dia seguinte ao do Natal é feriado nacional (Boxing Day), a Associação de Foot-Ball efectuou nestes dois dias encontros da Liga. Jogam-se no Dia do Natal e no dia seguinte (Boxing Day). Um exemplo: —O Chelsea jogou contra o Preston, no Dia do Natal, em Londres; e no dia seguinte jogaram

ambos em Preston. Os «teams», depois do jantar, fizeram a viagem juntos durante toda a noite. Esta semana de 21 a 28 é uma semana de dores de cabeça para os directores, que às vezes lutam com faltes de jogadores à última da hora, uns porque adoecem, outros porque se eleijaram e não podem alinhar no jogo seguinte, etc., etc...

Ainda no penúltimo sábado o avançado-centro Westcott — do Wolves, que vai em primeiro lugar no campeonato da Liga, devido ao nevoeiro, o combolo em que vinha chegou com 5 horas de atraso. Devido a isto não pôde comparecer a tempo de alinhar pelo seu clube, sendo substituído pelo Internacional Inglês Pye. Mesmo assim, ganharam ao Chelsea por 2-1, no campo do vencido...

Outro jogador, o Shimwell, que tinha assinado a ficha pelo Blackpool na véspera do jogo, a troco de £ 8.000 ou seja 880 contos, não conseguiu chegar a tempo, também devido ao nevoeiro. O seu combolo chegou atrasado, e quando telefonou para o campo, da estação, o desfecho já tinha terminado...

Felizmente não acontece assim em Portugal!

F. M.



A equipa de Madrid, que tão brilhante actuação teve contra o S. Lourenço de Almagro e que bateu o Oviedo por 2-0. De pé da esquerda para a direita: Ipiña, Belmar, Pruden, Vidal, Molowsig, Huete, Bañon. No primeiro plano: Pont, Corona, Alsua e Clemente

O Oviedo, cuja linha avançada constituia uma das grandes esperanças para o «team» nacional, e que perdeu por 2-0 em Madrid. Da esquerda para a direita: Guezo, Diestro, Penco, Domingo, Arzanagui, Langara, Herrerrita, Anton, Tamargo, Sancho e Emilin

OS ALTOS e BAIXOS de FORMA dos JOGADORES DIFICULTAM a TAREFA do SELECCIONADOR

MADRID, especial para «Stadium», de Ramon Melcon

PABLO HERNANDEZ CORONADO deve ter a estas horas dúvidas terríveis para formar a equipa que no dia 26 deste mês defrontará a selecção portuguesa no Estádio Nacional lusitano. Apesar de que se tem feito públicas declarações do seleccionador, o certo é que este não designou — longe disso! — o conjunto a que todavia esperará pelo menos até o dia 16, para decidir o caso, já que nesta data se disputará o segundo dos partidos de prova que a provável selecção nacional jogará contra o campeão argentino; San Lorenzo de Almagro.

Hernandez Coronado tinha formada com muita antecipação o combinado que devia dar batalha aos argentinos no primeiro de Janeiro em Barcelona. Era o seguinte: Bañon, Querejeta, Curta, Gonzalvo III, Fábregas, Gonzalvo II, Epi, Arza, Langara, Herrerrita e Gainza. Todavia, não se tinha disputado ainda o desafio entre o Madrid e o S. Lourenço, no qual os campeões de Espanha, em magnífica e fantástica exibição de jogo, venceram por 4-1 os sul-americanos.

Neste último encontro, brilhou com fulgor impressionante a classe de Ipiña, verdadeiro mestre de mestres. A parelha defensiva formada por Clemente e Corona, e os médios-alas, Pont e Huete; assim como a forma esplêndida do interior Belmar, junto à capacidade rematadora de Pruden e o jogo elegante e prático de Molowny. Sem embargo, com nenhum deles se havia contado em princípio para formar a selecção.

Depois jogou-se o encontro Madrid-Oviedo, do campeonato da Liga. Dando-se o fracasso rotundo da linha dianteira asturiana, considerada como uma das melhores da Espanha, e na qual figuravam os preseleccionados Langara e Herrerrita juntamente com o ínter nacional Emilin. Isto tudo deve ter feito vacilar Hernandez Coronado, que vê como falham os que ele crê melhor, enquanto que os olvidados se firmam e entram nesse momento ideal de jogo em que a forma conduz ao ponto culminante.

E, como se isto fosse pouco, chega o desafio de Barcelona. Nels, os jogadores espanhóis, pouco ligados e sem adaptar-se à tática indicada para travar a endiabrada filigrana dos avançados argentinos, não chegam tão pouco a convencer nitidamente ninguém, e, aparte terem sido vencidos, coisa que não tem importância quando se trata de um team nacional em embrião, pois sabido é que os seus componentes tratam de reesavar-se para o campeonato por não quererem ex-

pôr-se a que uma estúpida lesão possa arrebatar-lhes o título, de internacionais, o peor é que tão pouco se viram coisas muito convincentes. Falha a linha defensiva, que não se entende com Bañon, apesar deste se destacar como o melhor homem da equipa, mesmo com as sete bolas que lhe marcaram. Falha rotundamente o médio-centro, e, todavia, a linha avançada, nem por isso foi lá muito bem servida, marca cinco goals, mas não consegue uma grande exibição.

Disse o próprio Hernandez Coronado que o team oposto aos argentinos não era a selecção espanhola, mas uma equipa de experiência. Isto quer dizer que haverá importantes modificações no alinhamento para o segundo desafio contra o S. Lourenço, a disputar em Madrid a 16.



Langara e Herrerrita, que foram preseleccionados para a equipa espanhola, de futebol, e que não partem estar na sua melhor forma

Para fazer mais difícil a eleição, Zarra conseguiu em Bilbao, à mesma hora em que argentinos e espanhóis jogavam em Las Cortes, cinco goals no jogo contra o Castellon, e volta a mostrar-se extremamente perigoso, como em sua boa época. Leva uns quantos desafios jogando bem e demonstrando que a recuperação da sua forma é quase total.

Qual será o Grupo definitivo? Podemos certamente afirmar que se parecerá muito pouco ao que se deu como oficial há uns dias. Bañon, Gonzalvo III, Epi, Arza e Gainza podem ser, dentro da confusão que reina os que têm mais oportunidades. Depois...

No momento actual, existem muitos jogadores de classe semelhante para quase todos os postos. Bañon, na porta, parece o melhor, com Velasco e Eizaguirre; este último, em baixo de forma. Querejeta, se estiver restabelecido para o dia 26, o que não é muito seguro, já que a sua cura segue lentamente, poderá ser um bom defensor direito, e o mesmo se pode dizer de Clemente, talvez de Alvaro. À esquerda Aparicio é o indiscutível e parece que em Gijon reapareceu brilhantemente domingo último; Curta e Corona poderão ser também muito aproveitáveis. Nos médios, juntamente aos Gonzalvos nas alas, estarão os madrilenos Pont e Huete, o atlético Farias e Alcaero, e ainda Eguiluz, do Sevilla. No centro especialmente Ipiña, em pleno ressurgimento, seguido por German e Fábregas. E no ataque, do mesmo valor que Epi-Arza-Langara-Herrerrita-Gainza, há por exemplo uma linha formada por Iriñdo-Painxo-Zarra César-Bravo, e outra muito semelhante cujos interiores fossem Barinaga, Belmar, Molowny, Escolá, Campos. Sem contar com Escudero, Anton, e com o avançado, centro do Madrid, Pruden, que foi indicado suplente, para o jogo de Las Cortes.

Vê-se claramente que falta muito, mesmo muito para que possa conhecer-se a equipa que lutará contra Portugal. E isto a três semanas da data que os portugueses aguardam que seja a da sua primeira vitória sobre a Espanha, e à qual os adeptos espanhóis concedem toda a importância que tem, conhecida a classe dos seus adversários e as dificuldades que o natural desconhecimento dos componentes do team espanhol, um dos outros, colocará no terreno do jogo. Não somos pessimistas, mas julgamos que estes altos-baixos na forma dos jogadores poderá influir na confecção da nossa selecção, e, logicamente, no rendimento desta.

O Campeonato de Xadrez de Lisboa

foi ganho por Carlos Pires

O xadrez desportivo encontra-se de novo em plena actividade. Todavia, a «engrenagem» apresenta ainda deficiências no plano geral das provas e, mais acentuadamente, na questão do «calendário» das mesmas. Acaba de se disputar o Torneio Principal da Associação de Xadrez do Sul. Ao vencedor foi atribuído o título de Campeão de Lisboa, de harmonia com o Regulamento da Federação.

Em nossa opinião, tendo em vista a prova que se segue — o Torneio dos Mestres do Sul — essa homologação carece de lógica.

Em teoria, talvez isso seja admissível, mas, na prática, as coisas mudam um tanto...

Com efeito, o Campeonato de Lisboa de 1946 foi disputado por 8 jogadores de categoria de Honra da Associação e apenas por 3 mestres mais, um dos quais desistiu.

Mais de meia dúzia de mestres não quiseram concorrer, apesar de estar em jogo um título.

Porquê?

Por motivos particulares, para uns, puro desinteresse para outros. Mas todas as razões se fundem numa só: os torneios das Associações Regionais, pela sua própria natureza, carecem de atractivos para jogadores de primeira força!

A verdade é que a maioria dos xadrezistas que neles participam não são «mestres», e, por outro lado, se jogassem todos estes, teríamos então de recorrer ao aborrecido sistema de eliminatórias.

Acresce ainda que em seguida ao Campeonato de Lisboa se deve efectuar o Torneio dos Mestres, tendo como objectivo, além do da candidatura dos aspirantes à categoria, apurar determinado número de jogadores para a final, donde sairá o «challenger» que será oposto ao actual detentor do título máximo, o dr. Mário Pereira Machado.

Estamos, pois, em presença dum cadeia de provas, que nem a todos poderá convir disputar, pelo esforço que exigem, visto deverem ser realizadas com pequenos intervalos.

O Torneio dos Mestres do Sul será disputado, ao que parece, muito em breve, e os melhores classificados, juntamente com os campeões do Norte, jogarão depois a final.

Eis aqui um torneio — no qual se inscreverão seguramente os xadrezistas mais representativos da Capital — em que a homologação do título de Campeão de Lisboa se justificaria melhor, sem dúvida. E, não obstante, supomos que não haverá sequer título algum para premiar o vencedor.

Eis pois um problema interessante para o qual chamamos a atenção dos dirigentes do xadrez desportivo.

As objecções que poderão ser feitas a esta sugestão, serão talvez de considerável contido, julgamo-las insuficientes. Serão apenas uma questão de estudo!

Carlos de Araújo Pires ganhou o Torneio, conquistando o título de Campeão de Lisboa, que já em 1937 lhe pertencera.

Não obstante as considerações expostas no preâmbulo deste artigo, ganhou com merecimento, apesar de não ter jogado um lupl ou um Branhamm.

Mes... e se não tivesse sido Pires, ou mesmo Moura, o vencedor? Sim, que significado teria o título nas mãos dum Vasco Santos ou dum Pereira da Costa — dois «novos» com mais vontade de ir mais além do que «saber», de nenhuma experiência em Torneios de grande envergadura, e com mais conhecimentos de teoria, respaldada dos livros e tratados, do que da técnica de bem conduzir um ataque contra o logue adverso ou conduzir um «final» de partida!...

Mas continuemos a nossa apreciação das actuações dos xadrezistas — terefe um tanto ingrata, por sinal, porque o próprio «cronista» participou também na contenda...

Carlos Pires ganhou o Torneio com 7 vitórias e 2 derrotas, obtendo a bonita percentagem de 77,7% — ou 80% se contarmos o ponto contra G. Russell.

A classificação final foi a seguinte:
1.º C. Pires, 7 pontos; 2.º Pereira da Costa, 6; 3.º João de Moura e Vasco Santos, 5,5; 5.º A. Araújo Pereira e Marçal Rocha, 4,5; 7.º Albino Martins, 4; 8.º Manuel Antunes, 3,5; 9.º Lucílio Ventura, 2,5 e 10.º Costa Moreira, 2 pontos.

Desistiram por motivo de doença J. Cosmíro Vinagre, logo no começo, e Gabriel Russell, campeão de 1945, a meio da prova.

Infelizmente para Russell, a sua desistência não foi bem recebida por todos, pois não é a primeira vez que o faz, com a agravante de ter desistido após a sua terceira derrota.

A vitória de Carlos Pires teve certo mérito. Com 2 derrotas logo de começo, as probabilidades de vir a ganhar o Campeonato pareciam bem insignificantes. Mas o decurso da prova demonstrou o contrário. João de Moura, Vasco Santos e Albino Martins, aqueles que mais se destacaram durante a maior parte do Torneio, acabaram por ultrapassar esse número de reverses, ao passo que o ex-campeão nacional não sentiu mais o travo da derrota!...

Na derradeira jornada, a que assistiu o Inspector dos Desportos,



Um aspecto do campeonato de xadrez de Lisboa, no momento em que jogavam o engenheiro Correia Neves com Manuel Esteves e o nosso colaborador Vasco Santos com Carlos Pires

Dr. Ayala Boto, somente dois jogadores podiam aspirar ainda ao título — Carlos Pires e Vasco Santos.

Por curiosa coincidência, defrontaram-se ambos nessa sessão. A Pires bastava o empate. Jogou com as pretas, adoptando a «defesa Caro-Kann» (1. e 4, c6), pondo de parte, enfim, a sua variante predilecta e quase lendária — a «defesa Siciliana» (1... c5). V. Santos opinou pelo ataque Pannoft (2. d4, c5; 3. Pxp, Pxp; 4c4) considerado a mais forte continuação nesta abertura. Após meia dúzia de lances de parte a parte (4... C6; 5. Cc3, Cc6; 6. Cf3, g6; 7. Bg5) Pires contava mais de uma hora de tempo de reflexão, e a sua posição não era das mais atraentes.

O lance 7. Bg5 visa o ganho do P d5. C. Pires imaginou uma engenhosa continuação, arriscando quase a partida. E jogou 7... C64. Puro «bluff»! Na realidade, as brancas obtêm jogo bastante favorável mediante 8. Cxe4, Pxe4; 9. d5!, mas em lugar disso cometeram um erro crasso, baseado numa análise quimérica: 8. Cxd5??

E' claro que perdem a seguir, após 8... Cxg5; 9. Cxg5; 6f1
A continuação 10. Df3, Dxg5; 11. Cc7+, Rd8; 12. Cx68, revelou-se insuficientemente, por causa de 12... Bb4+, seguido de mate ou entrega de Dama.

A luta para o primeiro lugar teve assim um desfecho frouxo, inesperado.

Um resultado injusto? Talvez. Ao fim e ao cabo, ganhou aquele que tinha mais estofo para ostentar o título de honra do Xadrez lisboeta!

O 2.º lugar foi para A. Pereira da Costa, que, por ter sido o melhor classificado entre os da sua categoria, conquistou o título de Campeão da Categoria de Honra de A. X. S.

Não podia ficar em melhores mãos. Pereira da Costa vem progredindo de torneio para torneio, demonstrando, a-par da sua naturais faculdades, o muito gosto pela cultivação da teoria e estudo da técnica dos grandes mestres internacionais.

João de Moura bateu o vencedor e isso trouxe-lhe a vantagem sobre V. Santos, no desempate, apesar de ter sido vencido por este. Moura não está em forma, decerto porque, ao vencer Carlos Pires na 3.ª sessão, tinha todos os triunfos na mão e não soube aproveitá-los. Perdeu imerecidamente com Pereira da Costa e L. Ventura.

V. Santos desenvolveu como sempre jogo incerto, com partidas relativamente boas, como as que disputou contra os mestres Moura e Russell, e outras más, como as que jogou com Pereira da Costa e Albino Martins. Perdeu partidas que não devia perder — e em contra-partida, ganhou outras que não devia ganhar!

Araújo Pereira ficou em 2.º no Torneio de Categoria de Honra disputado conjuntamente (os resultados entre os jogadores desta categoria eram também contados à parte para o efeito de ordenar os jogadores e apurar os candidatos ao Torneio dos Mestres) — mas no Campeonato de Lisboa foi o 5.º, pois perdeu as duas partidas contra os mestres inscritos. A sua maior experiência fê-lo arrancar triunfos numa ou noutra partida perdida ou empatada...

Araújo Pereira, Pereira da Costa e Vasco Santos são os candidatos ao próximo Torneio dos Mestres.

Marçal Rocha teve uma estrota auspiciosa na sua primeira prova de envergadura. Com um pouco mais de sorte teria obtido a classificação que o guindaria ao Torneio dos Mestres. Excelente a sua regularidade: 2 derrotas com os primeiros classificados, 5 empates com os seguintes e 2 vitórias com os últimos.

Albino Martins foi durante longo tempo o «leader» da prova. Por capricho do sorteio, coube-lhe de início os jogadores menos apetrechados. 4 derrotas consecutivas tiraram-nos para um posto muito modesto, contra todas as previsões. Jogador dotado de magnífica intuição, sabe pouco de teoria, e, por isso mesmo, não lhe será fácil firmar classe.

Manuel Antunes e Lucílio Ventura classificaram-se abaixo do que seria de esperar das suas possibilidades reais.

Costa Moreira acusou a estrota. Melhor treinado, saberá decerto aproveitar «chances» que neste torneio deixou escapar.

Dos desistentes, G. Russell pareceu estar em má forma, e Vinagre, que foi o vencedor da sua eliminatória, apresentou-se capaz de sair vitorioso da luta pelo cobizado «tiro» dianteiro — o trampolim para o próximo Torneio dos Mestres.

A organização e direcção do Torneio, a cargo da Associação de Xadrez do Sul, foi impecável, até nos mais pequenos pormenores. Um nome a destacar: Manuel Esteves, presidente da A. X. S. Um elemento imprescindível, de vistas largas, e de cuja acção muito há que esperar ainda.

Vasco C. Santos

Stadium na Província

Um grupo de jovens que promete

Não se devolvem as fotografias — publicadas ou não. Todos podem enviar os seus trabalhos à nossa Revista. Tudo quanto for publicável será aproveitado.



Joaquim Dinis, avançado-centro do F. C. Tirsense e discípulo de Artur de Sousa



Alfredo Dinis, defesa-direito e capitão dos juniores do F. C. de Gaia



José Gregório de Sousa, avançado-centro do Juventude Transmontana, de Vila Real



O novo jogador do U. D. Oliveirense, Simões, que há pouco ingressou no 1.º grupo



A equipa representativa da Companhia Portuguesa de Amidos (Copam), que tem alcançado bons resultados nas competições corporativas



O jovem conjunto da Mocidade Triunfante de Portimão, 1.ª filial do F. C. Farnelício: Dionildo, Tonino, Martins, Cemerinhas e Júlio, Pacheco, Vieira, Armando, Constantino, Deus e Soares

O Atlético de Valdevez

treinado pelo antigo "internacional" Rui Araújo

ganhou recentemente ao Salgueiros por 3-0 e promete fazer progredir o futebol no seu concelho

O futebol progride pelo país fora. Do Minho ao Algarve, domingo a domingo, organizem-se os mais entusiásticos desejos, numa demonstração de carinho pela mais popular e mais emolvida de todas as modalidades desportivas, e não é difícil supor, em tempos próximos, que se atinja a perfeição nos centros considerados modestos.

Os clubes procuram para isso treinadores competentes, recrutando-os com o melhor cuidado. O Atlético de Valdevez, por exemplo, socorreu-se de Rui Araújo, antigo «internacional» leonino, como se sabe, e em boa altura o fez, visto tratar-se de um elemento de comprovado valor.

Rui Araújo, que vive em Braga, onde tem prestado valiosos serviços ao Sporting da capital minhota, conseguiu já interessantes triunfos. Que o Atlético de Arcos de Valdevez vai por bom caminho prova-o o facto de haver derrotado há dias o Salgueiros, grupo de honra, por 3-0. Por aqui se avista quanto entusiasmo vai pela linda vila do Minho.

As equipas que intervierem

no jogo apresentaram as suas melhores pedras, como poderá ver-se: Salgueiros — Peixoto, Rego e Mário Silva; Couto, Torres e Assunção; Paulista, Pereira, Leite, Tomi, Barros e Paulista 2.º. Atlético — José Veloso; Cartola e Varela; Chico, Rui Araújo e Tino; Nuno, Júlio, Sérgio, Nelva e Henrique. Entre os vencedores — o seu Mestre Rui Araújo, que na segunda parte fez substituir Veloso e Almeida por Fernandes e Orlando.

Toda a equipa dos Arcos se exibiu com entusiasmo, dominando o conjunto da 1.ª Divisão da A. F. do Porto e denunciando fortemente as suas possibilidades. Os tentos foram marcados por Sérgio (2) e Nuno, e a assistência deu largas ao seu entusiasmo.

Eis portanto mais uma série amosa de direitos de expansão do futebol. Grupos já conhecidos, como o Salgueiros, não conseguem impor-se contra equipas novas mas bem dirigidas, excelentemente treinadas. O caso merece as referências elogiosas de Stadium, que tem pela Província sincera dedicação, e, aliás justa, dados os seus propósitos de trabalhar e progredir.



RUI ARAÚJO



Um aspecto geral de um ataque desenvolvido pelos helvéticos junto das balizas portuguesas

NOTAS curiosas do ENCONTRO



O árbitro Barrick escolhe a bola mais redonda...



Tavares da Silva, o seleccionador português, assistindo ao encontro na segunda parte. Parece estar um pouco impressionado...



Cardoso e Anado, os dois capitães depois da tradicional cerimónia de troca de galhardetes



Ha pessoas que desistem de assistir ao desafio. São poucas...



O árbitro Barrick, no meio dos juizes de linha; os portugueses Carlos Casquilho e Abel António Ferreira

Soprava um vento furioso e caía uma chuva impiedosa, por vezes em bátegas, dando a sensação de cortar o rosto! Mas os assistentes, de guarda-chuva, seguiram emocionadamente o desenvolvimento do jogo. Ao contrário de outras vezes, estiveram firmes e interessados até o último apito. Verdadeiros heróis!

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO fora

FUTEBOL

EM INGLATERRA

Durante o ano findo, desde Janeiro a Dezembro, o futebol produziu de receita em Inglaterra uma quantia que bate todos os recordes antecedentes.

Catorze milhões e setecentas e noventa mil libras, o total das entradas pagas em todos os «campos», o que, comparado com as 7.142.995 £ de 1945, representa um excesso de quase cem por cento!

O máximo jamais registado havia sido de £ 9.093.483, em 1938, e por estes valores se pode avaliar a popularidade crescente que o jogo da bola redonda atingiu na pátria de Matthews e Tommy Lawton.

Quanto ao número de espectadores, é fácil calcular a extensão das cifras. Apenas, como índice, mencionaremos que, nos jogos extraordinários celebrados em dia de Natal e na véspera, houve cerca de dois milhões de «furiosos», circunstância que não impediu, no sábado imediato, de se registarem, pela décima primeira vez durante a presente época 46-47, mais de 950.000 pessoas nos torques das portas de ingresso.

A última semana caracterizou-se pela ascensão do Arsenal, que no seu campo de Highbury empatou (1-1) com o testa de fila da 1.ª Divisão, o Wolverhampton, na presença 63.000 espectadores. O Newcastle acentuou o seu declínio, perdendo pela 4.ª vez no conjunto dos últimos sete desafios disputados e consentindo 18 tentos. Desta vez foi Millwall o vencedor (2-0), apesar de ser dos últimos classificados na 2.ª Divisão. A principal causa desta decadência atribui-se à falta do médio-centro, Frank Brennan, lesionado em Novembro, durante o desafio Escócia-Irlanda.

Lawton teve a alegria de ser pai na noite de sábado e Bobbie Russell, companheiro de equipa, fracturou uma perna na véspera do seu casamento!

O Derby County ganhou ao Sunderland (5-1), e, durante o jogo, o famoso interior, Carter, meteu um golo imparável, disparado a 35 metros de distância, que a crítica classificou como o mais belo de toda a temporada.

As classificações dos clubes não sofreram alteração sensível. Na 1.ª Divisão o Wolverhampton continua à frente (35 pontos), seguido pelo Liverpool e Blackpool (30 pts.) e tendo Middles e Preston North End à ilharga (29 pts.).

Na 2.ª Divisão seguem na dianteira o Birmingham e Manches-

NOTA

DA

SEMANA

As corridas de galgos, tanto em Inglaterra, como nos Domínios e outros lugares do Império Britânico, atingiram recentemente um grau de eficiência espectacular e um valor comercial muito notáveis. E' certo que estão longe, por agora, de rivalizar com as suas congéneres hípicas — cujas tradições, solenidade e requinte mundano se consideram, a justo título, inextinguíveis em qualquer das cinco paridades do Globo. Mas não faltará tempo, nem oportunidades, para ver internacionalizadas algumas das provas clássicas e estamos já à porta de assistir, precisamente, a um desses actos históricos que caracterizam o advento de nova época. Trata-se, nem mais nem menos, da Waterloo Cup, corrida clássica de carácter mundial, reservada até agora a 64 proprietários de galgos da Inglaterra, Escócia, Irlanda e Gales, que está a ponto de se tornar em competição aberta a quaisquer concorrentes.

O mais notável do facto consiste na intervenção dos amadores portugueses — pasme o leitor, como nós pasmámos!... — chefiados por Rocha Leão e Moniz Galvão, que encabeçam os proprietários lusitanos interessados no assunto.

O Clube Português de Corridas de Galgos introduziu, há pouco, nova seina nos seus canis, adquirindo Monesydd Mick, Fancy Light e Just Rushlight, nomes que nada dizem mas cujos antepassados figuram entre a nobreza mais categorizada dos cães da Grã-Bretanha.

O clube tem uma pista adequada no Campo da Agua-Boa, onde recentemente estiveram de visita duas personalidades marcantes deste género de desporto.

A Imprensa inglesa, donde respigamos estas notas, defende o critério de se internacionalizar a Waterloo Cup, para permitir que os portugueses possam inscrever-se e disputar a prova em pé de igualdade com os britânicos, aumentando de mais 32 «entradas» o número presentemente estabelecido.

Se assim suceder, será o nosso País, por acção louvável dum meia dezena de entusiastas, o Deus ex-machina dum acontecimento raro e de larga importância internacional.

R. B.

ter City (32 pts.), mas o primeiro tem mais 2 desafios no activo. Atrás vêm o Burnley e Newcastle.

Na 3.ª Divisão (Norte), Doncaster (38 pts.) vai na testa, perseguido pelo Chester, que propinou a York City um 6-0 de fazer arrepios. Na mesma divisão (Sul), Cardiff City domina o lote, onde só o Queen's Park e o Bristol têm voz activa importante.

Charlton, o grande clube da época finda, deslocou-se a Paris no primeiro dia do ano e empatou com o Stade Français (2-2), salvando-se da derrota a dois minutos do fim da partida.

EM ESPANHA

O San Lorenzo de Almagro, famoso clube argentino que se havia deslocado a Barcelona, bateu por 7-5 uma selecção de «Prováveis», revelando muita superioridade táctica e técnica.

A selecção espanhola esteve a ganhar por 2-0, mas desiludiu. O trabalho de Pontóni, famoso centro-dianteiro argentino, eclipsou o trabalho dos restantes. Em três minutos, os laurentinos

marcaram 3 tentos e Bañon, nas redes espanholas, produziu uma exibição de valor, que poupou maior número de golos.

A arbitragem, do inglês Reader, foi magnífica de solidariedade.

TÊNIS

Os Estados- Unidos conquistam a Taça Davis

No dia 27 do mês findo efectuou-se em Kooyong, perto de Melbourne (Austrália), o encontro final entre as equipas norte-americana e australiana para disputa da famosa Taça Davis, que constitui o trofeu máximo do ténis internacional.

Os australianos partiam favoritos, mas produziu-se uma surpresa extraordinária, pois a equipa dos Estados- Unidos arrancou merecida vitória, ganhando os cinco matches do torneio.

Primeiramente, nos dois desa-

BOXE

De novo, Cerdan na Europa

Parece seguro que, no dia 11 do corrente, Marcel Cerdan se apresente ao público inglês combatendo no Seymour Hall de Londres contra um adversário ainda por designar. Está excluída, por agora, a hipótese de ser Vince Hawkins, campeão da Grã-Bretanha e recente vencedor de Roderick.

Willie Pep contra Famechon?

Também corre notícia de que o actual campeão do Mundo dos «semi-leves», Willie Pep, se apresenta na Europa a lutar contra Ned Tarleton ou Ray Famechon, titulares ingleses e francês da referida categoria.

Billy Conn retira-se da actividade

O antigo campeão mundial dos «semi-pesados», Billy Conn, penúltimo adversário de Joe Louis, declarou que vai abandonar em definitivo as suas actividades como jogador de boxe.

Conn, surpreendido com as censuras dos seus antigos admiradores após o fiasco do combate com Louis, resolveu dedicar-se ao hipismo. Para tal efeito, estabeleceu sociedade com um amigo e criou uma coudelaria cujo distintivo é o famoso trevo, simbolo da nacionalidade irlandesa de que é descendente.

Romero empata com Bonetti

Em Barcelona, diante de uma casa cheia, o campeão de Espanha, Luis Romero (55,100 kg.), empatou com o italiano Bonetti (57,800 kg.) no fim de dez assaltos. A decisão prejudicou o estrangeiro, que, a partir do oitavo, dominou francamente o adversário, sacudindo-o com dois «contos» e movimentando-se pelo «ring» com superior mestria.

O nosso telefone é: — 45903

fos singulares, Ted Schroeder e Jack Kramer ganharam a Jack Bromwich e a Dinny Pails, por 3/6, 6/1, 6/2, 0/6 e 6/3, no primeiro caso, e 8/6, 6/2, 9/7, no segundo. A seguir, no desafio de pares, o duo Jack Kramer-Ted Schroeder dominou por 6/2, 7/5, 6/4 a parilha Adriano Quist-Bromwich, considerada a mais forte desde 1938.

No último dia, Kramer ganhou a Bromwich por 6/4, 6/4, 6/4 e Gardner Mulloy fez o mesmo a Dinny Pails, por 6/3, 6/3, 6/4.

Cerca de 41.000 pessoas, um autêntico recorde, pagando 60.000 libras nas bilheteiras, presenciaram os cinco matches do torneio. Segundo diz a Imprensa australiana, o resultado foi uma autêntica bomba atómica que caiu sobre o optimismo e a confiança do povo daquele país.

PORTO BRAGA 9-4

Stadium

Na Capital do Norte

MOSAICOS nortenhos...

CAIADO não pôde comparecer a treinos da Seleção Nacional, nem seguir para estêgio, com os outros portuenses. Claro que a vida profissional do excelente jogador do Boavista está primeiro, ainda que isso pareça extraordinário.

No entanto, é bem de ver, os «Internacionais», ou os que desejem chegar a tão honroso posto, são forçados a estes «sacrifícios». Não os fazendo, — que pode conseguir o seleccionador? Os treinos podem não melhorar a sua «forma». Mas servem por certo para aclimatar, para ouvir umas tantas recomendações de ordem técnica. Compreendido?

Não nos surpreende, por isso, a sua exclusão do grupo efectivo. Já o contrário...

❖ FOI chamado o guarda-redes Barrigana, que nesta cidade se considera o melhor, de momento. Também é a nossa impressão. Mas o jogador do F. C. do Porto, tomando agora contacto com o ambiente especial dos jogos internacionais, mesmo sem ser escolhido para o lugar de Azevedo, lucrará muitíssimo. Que não esmoreça a sua vontade, o seu bom propósito de chegar a internacional de facto.

❖ FALSO ambiente se cria muitas vezes a jogadores que desejam subir. A uns, parte-se-lhes o anelo, por não se reparar em qualquer crise passageira de forma; outros, elevados descuidadamente, são convencidos de uma classe que ainda está longe de ser real. Resultado: — se falham, no dia de prova definitiva, pode considerar-se terminada a sua carreira!

Parece-nos que será melhor subir com segurança, embora mais tarde qualquer coisa... Uma questão de serenidade para os possíveis «Internacionais», interessados em jogar bem, antes de tudo, e para os que orientam a campanha, sobrepondo-se ao seleccionador.

❖ ENTREVISTADOS, alguns homens de cêdrea federaliva falam de tudo... menos de jogos «Internacionais» no Porto. Nós discorremos de tal tratamento, mas sem propósitos de «bater» ou de levar o caso para títulos pomposos, onde o pessoalismo se revela com vigor extraordinário.

«Protestamos» à nossa maneira, pondo na solução do problema a nossa melhor boa vontade, o nosso valor e tripeirice». O Porto precisa de ver correspondida a sua paixão pela bola, e um dia sucederá assim. Dizem que «água mole em pedra dura...»

❖ LEMOS, de modo alarmante, que o F. C. do Porto não tem equipa valiosa para o campeonato nacional. Exageros! O grupo campeão do Porto já ganhou ao Ben-

DERROTISMO inoportuno

A classe da equipa do F. C. do Porto, o mais valioso representante da cidade, não é de facto por aí além. Falta-lhe muito poder ofensivo, os médios ainda não entraram em ritmo certo, e a defesa nem sempre joga como sabe, perturbando-se especialmente quando o árbitro não deixa jogar duro. Mas, vamos lá com Deus, o campeão portuense já esteve menos bem servido.

Parece-nos, por isso, que, alarmar os aficionados e a própria equipa, será contribuir para uma queda vertical, sabido como é não ser difícil impressionar alguns elementos fracos. No F. C. do Porto existem muitos nessas condições. Não se pense que pretendemos aconselhar uma atitude que encubra a «forma» insuficiente, o deslize técnico, a falta de categoria. Cabe com certeza à crítica ineligente apontar defeitos, mas julgamos que estará fora da sua verdadeira função quem resolver carregar de tintas negras, sombrias, o futuro de qualquer grupo disposto a progredir — embora, por motivos variados, ainda o não haja conseguido totalmente.

Tudo vai devagar, como se sabe, e não é de ontem nem de hoje principiar mal um grupo para acabar bem ou vice-versa. A forma dos jogadores é caprichosa, volúvel, e o F. C. do

Porto não joga à roda geral, que a cativa e domina. Mas dentro da equipa há jogadores novos. Barrigana, Alfredo, Carvalho, Joaquim, Araújo, Correia Dias e Romão, ou ainda Catolino e Lourenço, não são velhos. Mais «entrados» na idade, mas mesmo assim jogador de 1.ª categoria — apenas Vitor Guilhar. Não será assim?

Se os jogadores têm bom treinador, o que parece indiscutível, bons dirigentes, boa imprensa e bom público, pouco lhes faltará para atingir lugar compatível com as suas responsabilidades. Preste-se a crítica a colaborar na sua melhoria técnica, e não lhe faltará campo próprio, vistoso e útil para o seu bom funcionamento e também para o progresso de um grupo estimado dentro e fora da sua terra.

Perder jogos não será coisa do outro mundo. Importa mais contribuir para a valorização do futebol, e disso tratam dedicadamente todos os clubes. Aqueles a quem o F. C. do Porto não vença com facilidade não podem ser excluídos de tal propósito, porque trabalham com a mesma insistência e o mesmo brio. Todos procuram vencer. Ajudemo-los, encarecendo-os o melhor possível, sem contribuirmos com exageros para o afundamento das aspirações que ainda existam... É uma obrigação.

ica, ao Belenenses, ao Estoril e ao Vitória de Guimarães, e perdeu de modo «especial» contra o Sporting no seu próprio campo. Por não ganhar ajuntamente, por números elevados, no Lima, aos campeões minhotos? Oh! diabo: — mas ali mesmo perdeu o Boavista; e os vimeranenses podem ter «acordado», dispostos a vencer uma série de maus resultados na primeira fase do campeonato. Que para isso têm valor, mesmo para ganhar ao F. C. do Porto ou outros...

❖ QUE o F. C. do Porto não possui equipa por aí além, estamos de acordo. Velhos? Isso não! Se percorrermos todas as equipas portuguesas, vamos encontrar gente madura e, no entanto, consideramo-la excelente. Já dissemos que o campeão portuense não tem grupo famoso. Todavia, derrotar o grupo de forma tão dura, também será violento...

❖ HOJE, na bola, todos os adversários são difíceis. A Académica ganhou por 2-0 ao Belenenses, já se sabe. Perdeu a seguir com o Sporting por 9-1. Poderá isso dizer alguma coisa? Havemos de ver, quando outras equipas passarem por Coimbra... O F. C. do Porto vai lá no domingo e talvez já se possa dizer algo.

❖ SOLRAC, anagrama do nome próprio de bom humorista, escreveu há dias num distinto colega lisboeta que a selecção nacional poderia chamar-se — Sport Lisboa e... Araújo. Achemos que não será bem assim, selvo o devido respeito pela opinião do ilustre jornalista. A província também contribuiu, dando vários jogadores. E até as nossas colónias... Vejamos: Capela — de um clube de Aveiro; Alvaro Cardoso, do Vitória de Setúbal; Francisco Ferreira, do F. C. do Porto; Moreira, do Barreirense; Araújo (o único «liet» à província...); Peyroteal, de Luanda; e Albano, do Seixal. Por acaso, a Província está em maioridade...

Mas Lisboa, clero, é como a cantiga do Sebastião: — come tudo, tudo, tudo... Ao lado do humorismo de «Solrac» não ficará mal esta amostrezita. E se os jogadores vollessem aos seus primitivos clubes? Só ficavam representados, dos «grandes», — o Belenenses e o F. C. do Porto (Amaro e Francisco Ferreira). Bonito! A província também contribui, acreditem, para a expansão do futebol. De maneira muito especial e importante. Está representada e bem, no grupo do nosso país! Agora sem humorismo...

O mau tempo tocou a todos... Aos portuenses também, que domingo assistiram, em escasso número, a um jogo de selecções entre os representantes da sua terra e os do Minho. O jogo, por via disso, principiou muito mais tarde que a hora marcada, e durante os 90 minutos não pôde despertar o entusiasmo público. Também faltavam na equipa portuense muitos jogadores de primeiro plano; Barrigana, Guilhar, Alfredo, Pacheco, Caiado, Correia Dias... A formação adversária, composta por elementos de Guimarães, Famalicão, Braga e Viana do Castelo, foi derrotada de modo expressivo.

Consentiram-se muitos pontos de lado a lado, consequência natural da chuva. Eis como alinharam os grupos:

Porto — Mota; Pereira e Soares; Joaquim, Serafim e Carvalho; Lourenço, Armando, Costa Pereira, Tomé e Catolino. Durante o encontro foram feitas algumas substituições.

Braga — Rogério; Climaco e Sobral; José Maria, Daniel e Ferrão; Mário, Pires, Alvaro Pereira, Teixeira e Alcino.

No primeiro período, já os portuenses haviam marcado 6 bolas contra 2 dos seus adversários. Na segunda parte, os bragueses obtiveram mais dois tentos e os vencedores 3. Resultado final, portanto: — 9-4.

O desfilio não agradou, e com o terreno em tal estado não era possível pedir-se muito aos jogadores, que fizeram ao possível por obter goals, rematando com certa prontidão. Nesse particular estiveram os vencedores mais felizes, embora o guarda-redes Mota, do Boavista, se exibisse de modo a esquecer a ausência de Barrigana, sapiente da equipa nacional no jogo contra a Suíça.

Quando o desfilio foi dado por concluído pelo árbitro, sr. Lima e Sá, era noite. O público, que denunciava espírito de sacrifício, por assistir a um jogo desvalioso, fustigado pelo mau tempo, e que ainda por cima principiou fora de horas, quase não assistiu aos últimos pontapés. Alguns portuenses não quiseram deixar um domingo sem futebol, e lembraram-se que este popular desporto, mesmo com a água a bater nos telhos, merece bem a sua simpatia.

Pena foi, portanto, que o encontro Porto-Braga não pudesse servir como bom espectáculo. Em condições normais, assistiríamos com certeza a um desfilio interessante. A equipa de Braga é boa, capaz de fazer melhor — e a do Porto também corresponderia de outra forma.

Portuenses:
Assinem a STADIUM



O grupo representativo da Associação de Futebol de Braga



O grupo representativo da Associação de Futebol do Porto

PORTO, 9 — BRAGA, 4



Carvalho, médio do Porto, corta uma avançada



Mota defende, mergulhando, um "goal," certo!



O primeiro "goal," marcado por Braga. O guardaredes olha tristemente para a bola anichada nas balizas...